

Cícero: obra e recepção

**Isabella Tardin Cardoso,
Marcos Martinho (coords.)**

**A TRADIÇÃO MANUSCRITA DO *LUCULLUS* DE CÍCERO:
DO *CORPUS LEIDENSE* A WILLIAM DE MALMESBURY E À FORTUNA
NO PERÍODO HUMANÍSTICO¹**

**(The manuscript tradition of Cicero's *Lucullus*: from the *corpus Leidense* down
to William of Malmesbury and its fortune during the Humanism)**

ERMANNIO MALASPINA (ermannio.malaspina@unito.it)
Università di Torino

RESUMO: Propor o estema dos *recentiores* de Wien, Öster. Nationalbibl., 189 (V) para o *Lucullus* ciceroniano esclarece a história da tradição e volta a atenção sobre o Saint-Omer, Bibl. Munic., 652, até agora não reconhecido como gêmeo de Cambridge, Univ. Libr., Dd.XIII.2, e fruto de um extraordinário trabalho textual de William de Malmesbury no século XII. Graças a quatro lacunas maiores (§§ 28, 28, 106, 144), os apógrafos estão reagrupados em classes, e, entre esses, estão identificados aqueles a que recorrer para reconstruir o texto de V, corrigido por V², nos §§ 104-48 faltantes, em complemento a Paris, B.N.F., lat. 17812, o único presente no aparato Plasberg.

PALAVRAS-CHAVE: *Lucullus*; edição crítica.

ABSTRACT: Presenting a *stemma* for the descendants of Wien, Öster. Nationalbibl., 189 (V) in Cicero's *Lucullus* sheds light on the history of the tradition and reveals the importance of Saint-Omer, Bibl. Munic., 652, not yet identified as a *gemellus* of

¹ O presente artigo retoma só em parte os assuntos de que eu havia tratado no dia 31 de maio de 2012, em meu relatório apresentado em colóquio na USP, intitulado *A tradição manuscrita do Lucullus de Cícero: novas descobertas*, aprofundando sobretudo a tradição *recentior*. Sou grato à comissão organizadora do colóquio *Ciceronianísimos* pelo convite e a Izabella Lombardi Garbellini pela tradução em português, mas também sinto a obrigação de assinalar os muitos amigos e colegas que acompanharam a gestação destas páginas no verão de 2013. Rémy Cordonnier, diretor dos Fundos Antigos e dos Arquivos da Biblioteca de Saint-Omer, verificou, a meu pedido, alguns elementos diretamente no manuscrito 652, resolvendo também o problema de datação com competência e amabilidade louváveis. Não me surpreendeu que a descoberta de novidades relevantes, penso eu, a respeito de uma glória da Inglaterra como William de Malmesbury tenha atraído o interesse de três excelsos colegas anglófonos, entre a Tasmânia, Princeton e Cambridge, e comoveram-me o seu entusiasmo, a sua curiosidade intelectual e a sua disponibilidade para cooperar: agradeço a Rod Thomson por seu interesse, suas observações e notas de leitura sobre as minhas páginas; Bob Kaster generosamente enviou-me um de seus trabalhos ainda no prelo, fornecendo-me um indício preciosíssimo para definir os procedimentos utilizados por “William at work”; a Michael Reeve, *quae eius est et suavitas et doctrina*, devo uma leitura profunda e riquíssima em ideias de uma primeira versão destas páginas, bem como uma troca de e-mail para mim decisiva, não só a respeito de William, e uma revisão final com os olhos de Linceu. Finalmente, Giovanna Garbarino e Giuseppina Magnaldi leram uma versão intermediária do trabalho, e Andrea Balbo leu tanto essa quanto a definitiva, fazendo-lhes correções valiosas: quero expressar minha gratidão a todos, seguro de que sou eu o único responsável por imprecisões ou omissões. A tradução contou com a revisão técnica do Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos (UNICAMP).

Cambridge, Univ. Libr., Dd.XIII.2, both the result of unusually intensive work done on the text by William of Malmesbury in the 12th century. Thanks to four major *lacunae* (§§ 28, 28, 106, 144), the manuscripts are assigned to four classes and those manuscripts picked out that can serve alongside Paris, B.N.F., lat. 17812, the only one cited in Plasberg's apparatus, for reconstructing in §§ 104-48 the missing text of V as corrected by V².

KEYWORDS: *Lucullus*; critical edition.

1. O STATUS QUAESTIONIS

O *Lucullus* aguarda uma nova edição crítica desde 1908, quando O. Plasberg dedicou-se, quanto pôde, à publicação desse e de alguns outros tratados ciceronianos, com uma *editio maior*² à qual seguiram *editiones minores* mais simples (sobretudo no aparato). O *Luc.*³ foi publicado em 1922 (junto aos *Academicici*), 14 anos após a *maior* e há mais de 90 anos. Esta foi a primeira e a única vez em que o texto do tratado foi editado com base em um rigoroso exame autóptico dos manuscritos *antiquiores*: sem nada subtrair da genialidade e dos méritos de filólogos como Lambin, Davis, Müller, Madvig ou Reid, anteriores a Plasberg, ou como Rackham, Haltenhoff, Straume-Zimmermann, Riganti, Schäublin ou Brittain, após Plasberg, foi somente este último a conduzir sobre os testemunhos carolíngios um exame codicológico e paleográfico sistemático, que permanece ainda hoje o ponto de partida imprescindível e talvez insuperável.

É lógico, portanto, que uma nova edição que parta novamente dos manuscritos seja considerada uma necessidade⁴: além do tempo que passa, há duas ulteriores considerações concernentes à história de pesquisa sobre o *Luc.*: do ponto de vista filosófico e conteudístico, a nova época de estudos, aberta por Carlos Lévy⁵, torna necessário assegurar uma base textual firme a um tratado que fora de fato reinterpretado sob muitos aspectos; do ponto de vista filológico, então, a falta de edições do *Luc.* capazes de substituir a de Plasberg não significou a falta

² Reduzida no número de obras no que concerne às intenções: somente *Paradoxa, Academicici, Lucullus, Timaecus, De natura deorum*, enquanto o vol. III, que contém *De divinatione, De fato*, nunca foi publicado.

³ Por clareza, em meu texto, uso sempre a forma *Luc(ullus)*, mantendo *Acadêmicas* para os fragmentos da versão em quatro livros, que sobreviveram através de uma tradição bastante diversa e não são objeto de minha pesquisa. Presumo que a gênese das *Acadêmicas* seja conhecida, da primeira edição em dois livros (o segundo dos quais é precisamente o *Luc.*) àquela definitiva: indicações cronológicas e bibliografia básica *ad loc.* nas *Ephemerides Tullianae* (<http://www.tulliana.eu/ephemerides/testi/45/academ.htm>).

⁴ O grupo de pesquisa liderado por Carlos Lévy e composto por Terence Hunt, para a obra *Acadêmicas*, e por mim, para a obra *Luc.*, publicará dentro de algum tempo uma edição crítica bilíngue com tradução francesa e comentário pela série CUF das edições “Belles Lettres”.

⁵ Hoje disponível gratuitamente *on-line* em .pdf no site da *SIAC* (www.tulliana.eu): em relação à situação, cf. Malaspina, 2013.

do interesse pela edótica de Cícero filósofo. Uma série de estudos e edições de valor constitui hoje um cenário muito interessante e inovador no qual localizar, finalmente, uma edição crítica também do *Luc.* Refiro-me às edições prestigiosas como a dos *Paradoxa*, sob os cuidados de R. Badali, os *Topica*, de T. Reinhardt, até o recente *De legibus*, de J.G.F. Powell. Preciosíssimas, ainda que relativas a obras da tradição independente (ao menos quanto aos ramos mais antigos), são as duas edições do *De finibus*, de C. Moreschini e de L.D. Reynolds, de organização⁶ bem diversa. Enfim, a análise filológica pode ser baseada em monografias sistemáticas de grande valor, como a pesquisa sobre códices do *De legibus*, de P.L. Schmidt, e dos *Academici*, do já citado T. Hunt (a ambos as minhas modestas pesquisas devem muitíssimo): tais trabalhos, que levam em consideração a tradição até os testemunhos mais recentes e os incunábulo, requerem e juntos auxiliam uma pesquisa filológica similar também para o *Luc.*, atenta à *terra incognita* dos *recentiores* seguindo os hábitos da moderna história da tradição⁷.

Todavia, que o quadro interpretativo não é compartilhado nem pelos *antiquiores* é demonstrado pela estimulante contribuição de M. Zezler e K. Zezler, que reabre a questão da valoração das intervenções do período carolíngio e de sua natureza de conjecturas *ope ingenii*, como é sustentado por Plasberg, em vez de lições de tradição independente.

Antes de prosseguir, é necessário introduzir algumas palavras de contextualização sobre o *Corpus Leidense*, o conjunto de oito tratados ciceronianos⁸ que garantiu a transmissão do *Luc.* e que é constituído por três testemunhos carolíngios, **BAV**⁹, dos quais todos os outros¹⁰ derivam: as minhas colações confirmam, de fato, que as lições dos testemunhos atualmente disponíveis são apenas corrupções em diversos níveis do texto de **BAV**, ou seja, o fruto das intervenções *ope ingenii*, mais ou menos felizes, dos sete séculos sucessivos de tradição manuscrita. Como não me ocupo neste estudo da questão das relações recíprocas entre esses três, limito-me a recordar que é opinião majoritária que **A** e **V** estão mais estreitamente ligados, dependendo de um subarquétipo comum, e que, portanto, a sua lição se contrapõe à do **B** isolado¹¹.

Imediatamente sucessivos a esses três testemunhos, localizam-se por

⁶ Para uma análise atualizada, cf. Magnaldi, 2007.

⁷ Cf. Malaspina, 2011, p. 548, e Malaspina et Al., 2014, n. 5.

⁸ Na ordem de **A**, *De natura deorum*, *De divinatione*, *Timaeus*, *De fato*, *Topica*, *Paradoxa*, *Luc.* e *De legibus* (**B** tem o *Timaeus* deslocado para o fim, após o *De legibus*, enquanto **V** antecipa-o, colocando-o após o *De natura deorum*, e não apresenta os *Topica*, além do final, cf. *infra* § 3).

⁹ No fim do artigo, está presente para a comodidade do leitor o *conspectus siglorum*. Dentre os protótipos do *Corpus Leidense*, encontra-se também **H**, que, todavia, não contém o *Luc.*; só para este tratado acrescenta-se **S**, um *recentior* (séc. XIV) muito próximo a **V**¹ e até agora nunca considerado pelos editores (dele trato em Malaspina, 2018).

¹⁰ Cf. *infra* n. 18.

¹¹ Cf. Halm, 1850, Schmidt, 1974, p. 27-121, Rouse, 1983, e Malaspina, 2018, p. 1970-74.

antiquidade **F** (séc. IX), **N** (séc. XII) e **T** (sécs. XII-XIII), todavia de importância diversa. O esplêndido **F** é fruto de um imponente trabalho de colação e correção recíproca **B>A** e **A>B** em Corbie. Sua descoberta, em Estrasburgo, por Poggio Bracciolini, por volta de 1417, tornou-o o protótipo da tradição humanística florentina, que chega a mais de quinze exemplares, caracterizados por substancial aderência a **F**, por sua vez, cópia muito fiel de **BA**¹².

2. TEMA DO PRESENTE ESTUDO

Dentre as diversas pistas de pesquisa disponíveis para o editor do *Luc.*, dedico estas páginas à descendência do códice **V**: graças às colações até agora realizadas, de maneira quase sempre autóptica, sobre todos os testemunhos conhecidos, é-me possível enquadrar essa tradição em classes, segundo o método tradicional dos *errores coniunctivi* e *disiunctivi*, com importância e espaço decrescentes à medida que os *recentiores* se distanciam do protótipo e veem conseqüentemente aumentar corrupções e contaminações. As dimensões de um artigo não permitem, contudo, realizar um *stemma* completo, comparável ao proposto por P.L. Schmidt para o *De legibus*, com a apresentação de cada testemunho e a definição precisa dos vínculos de dependência. Todavia, é minha intenção chegar, no futuro, a esse resultado, dentro de um exame orgânico e monográfico da história completa do texto do *Luc.*, a respeito do qual estas páginas constituem um estudo preparatório¹³.

3. A TRADIÇÃO BIPARTIDA DE V

A opinião comum é que “from **V** descend the majority of late medieval and Renaissance manuscripts of Cicero’s philosophical works”¹⁴, uma derivação para nós complicada pelo fato que **V** se apresenta ao menos desde o século XVI sem os cadernos sucessivos àquele marcado **XX**, ou seja, do último terço do *Luc.* (§§ 104-48) e de todo o *De legibus*, com o qual **V**, como **A**, se concluía. O processo de cópia, obviamente conduzido quando **V** ainda era íntegro, produziu para todos os tratados do *Corpus Leidense* uma selva de apógrafos mais antigos que

¹² Sobre **F** permanece insuperado Schmidt, 1974, p. 121-61; sobre a tradição, por fim, Malaspina et Al., 2014, p. 593-612.

¹³ Para completar com outros quatro: um, já disponível (Malaspina, 2011), contém o elenco e uma subdivisão básica de todos os manuscritos, importante, sobretudo, para os *recentiores*, uma vez que, como já se disse, os protótipos da tradição ainda são os mesmos de Plasberg (com um acréscimo, cf. *supra* n. 9); Malaspina et Al., 2014, é centrado nos *recentiores* da Biblioteca Apostólica Vaticana, que por si só representam mais da metade da descendência de **F** (da qual, conseqüentemente, não trato aqui). Com Malaspina, 2018, de fato, volto aos protótipos, com um exame sistemático funcional para a *constitutio textus*.

¹⁴ Rouse, 1983, p. 126.

aqueles de **F**, que são, na verdade, posteriores, como se disse, a 1417: nenhum desses mantém a consistência e a ordem original do *Corpus Leidense*¹⁵, com a consequência de que a tradição *recentior* de cada obra se baseia em uma bateria própria de manuscritos, que só em parte coincidem com os dos outros tratados. Consequência ulterior, desencorajadora para o estudioso, é que o trabalho já realizado por outros¹⁶ só em alguns casos pode ser válido para o *Luc.* sem modificações, visto que, até mesmo onde os dois tratados do *Corpus Leidense* comparecem novamente no mesmo *recentior*, a reconstrução sistemática válida para um não é a mesma necessariamente para o outro¹⁷.

Os códices atribuíveis à descendência de **V** são 35, compreendidos **NT** e excluídos por simplicidade aqueles que referem somente *excerpta*¹⁸. Melhor que me basear no complexo estema de Schmidt¹⁹ e buscar adaptar a realidade do *De*

¹⁵ Cf. *supra* n. 8.

¹⁶ Refiro-me, em particular, às monografias já citadas de P.L. Schmidt, sobre o *De Legibus*, e de T.J. Hunt, sobre as *Acadêmicas* (obra que, embora não pertença, como mencionado, ao *Corpus Leidense*, compartilha de quase metade dos *recentiores* do *Luc.*). Muito mais superficial - e, por vezes, imprecisa - é a reconstrução estemática que van den Bruwaene, 1970, p. 34-42, propôs em sua edição do Livro I do *De natura deorum*.

¹⁷ Acreditamos, por exemplo, ter demonstrado (em Malaspina et Al., 2014, p. 602-4) que, para o *Luc.*, **Reg** foi modelado sobre **F**, sem intermediários, diferentemente do que ocorreu com o *De Legibus*, pelo qual **Reg** é uma cópia de **Vat4**, por sua vez, cópia direta de **F** (Schmidt, 1974, p. 287-96): como havíamos escrito (p. 603), “una ricostruzione stemmatica diversa o anche antitetica per il *Luc.* rispetto a quanto sostenuto da altri studiosi per altri trattati all’interno di un medesimo codice non comporta la messa in dubbio automatica o la critica implicita delle tesi altrui, ma solo l’ennesima dimostrazione che un singolo manoscritto può essere portatore di tradizioni diverse anche per opere dalla vicenda testuale apparentemente parallela”.

¹⁸ A lista dos 74 manuscritos hoje identificados encontra-se em Malaspina, 2011, p. 549-52, a ser completada com **Neap2**, os *excerpta* de **Mon3** e aqueles brevíssimos de **Cas** (todos do séc. XV, cf. também Malaspina et Al., 2014, n. 10). Excluindo os protótipos **BAVSF**, temos 8 *recentiores* que contêm apenas *excerpta*, 25 descendentes de **F** e, justamente, 35 de **V**. A única incógnita é **Chris**, vendido em leilão no dia 25 de junho de 1986, cujas lições são completamente desconhecidas (cf. ainda Malaspina, 2011, n. 10). Os 35 testemunhos objeto deste estudo são aqueles elencados em Malaspina, 2011, p. 553-4, ao qual é acrescentado o já referido **Neap2** e são subtraídos tanto **S** (cf. *supra* n. 9) quanto **Linc** e **Par3**: em um primeiro momento, eu havia, de fato, atribuído os dois últimos à família de **V**, com base na autoridade de Schmidt, 1974 (respectivamente p. 240-5 e p. 316-9), que, em relação ao *De legibus*, considera ambos descendentes ao longo do ramo *p* (cf. *infra* n. 92), o qual passou no século XIV da biblioteca de Avignon para a Itália aos cuidados de Petrarca. No entanto, um exame sem prejulgamento negativo de suas lições demonstra para o *Luc.* a dependência absoluta de **F** e, em particular, de **Vat4**, de cuja *facies* muito peculiar (cf. *infra* n. 20, e Malaspina et Al., 2014, p. 595-9) dependem as coincidências ocasionais com **V**.

¹⁹ Schmidt identifica uma família **w** distinta de **V**, à qual também pertencem **Gud** e **Trec** (que, ao contrário, em relação ao *Luc.*, como veremos, descendem de **V** sem peculiaridades específicas, cf. § 4.5 e n. 55); tal estema, no entanto, não teve a colaboração dos editores posteriores (cf. Powell, 2006, p. XXXVIII-XLVIII). Dentre os apógrafos regulares de **V**, os casos em que a localização estemática válida para o *De legibus* é confirmada no *Luc.* reduzem-se ao grupo de **Gadd** (cf. *infra* § 4.3). Resumido e pouco confiável é o estema que van den

legibus ao *Luc.*, considero metodologicamente mais correto e ainda mais fácil partir do zero, nisso facilitado pela raridade das contaminações com a família de **F**²⁰. Digamos logo que os descendentes de **V** aparecem claramente bipartidos em dois grupos, dos quais um, que indico com a sigla **m**, é formado somente por **Bert** e **Cant2**, e o outro, **v**, compreende todos os outros e, como veremos, deixa-se ulteriormente subdividir em seu interior. Seja **m** ou **v**, ambos apresentam até o § 104 as principais características de **V** (corrigido por **V**²), em oposição a **BA**, das quais apresento aqui pouquíssimos casos *exempli gratia*:

1) *1 om. urbanis Vvm* : 3 ita **BAV**¹ itaque **V**²**v****m** : 7 facilis **BA** facilior **Vvm** : et audiendo *om. Vvm* : 9 omnia **BAV**¹ omnino **V**²**v****m** : saepe nobis **BA** saepe **Vvm** : 20 quin **BA**^{1e}**V**¹**F** qui non **A**²**V**²**v****m**²¹ : nos *om. Vvm* : 38 quamquam si **BAV**¹ quamquam **V**²**v****m** : 47 a Stoicis **BA** Stoicis **Vvm** : aut si ea quoque possit, cur illa non possit *om. Vvm* : 58 iudicem *om. Vvm* : 62 illarum quoque rerum **BA** illa rerum quoque rerum **V**¹ illa rerum quoque **V**²**v****m** : 67 ab iis quae possint *om. Vvm* : 84 videri **BA** videre **Vvm** : tibi videbitur **BA** tibi videtur **Vvm** : 88 eum somniare **BAV**¹ eum somnia **V**²**v****m** : 89 licet **BA** dicit **V**¹ dicit **V**²**v****m** : 97 enim inquit alterutrum *om. Vvm* : 100 capiet *om. Vvm*²²

4. A CLASSE DE V

4.1. O problema de N

Ocupar-nos-emos de **m** no § 5, enquanto nos concentramos aqui nos outros 33 testemunhos, identificáveis graças a numerosos erros conjuntivos, dos quais apresento em seguida alguns exemplos significativos²³:

2) 6 a nobis ω nobis **v** : ut **BA**¹**V**¹ est **V**² est ut **v** : videndum est ω videndum **v**

Bruwaene, 1970, p. 41, propôs para o *De natura deorum*, situando **N** no mesmo nível de **T** («nous n'avons pas vu ce manuscrit», p. 38, n. 3) em um primeiro grupo de descendentes de **V**, distinto de uma “vulgate” não melhor definida (que imagino coincidir com os *recentiores* dos séculos XIV e XV) e de um terceiro grupo ao qual pertenceria **H** (sic!, cf. *supra* n. 9).

²⁰ Atribuíveis quase que exclusivamente à presença na Itália de **Vat4**, manuscrito fruto de uma intervenção de douta colação **F-v**, realizada por Poggio Bracciolini e perpetuada em seus apógrafos, que, pertencendo à família de **F**, não são objeto deste artigo. Um caso distinto é **Chis**, cópia de **Vat4** até o § 105 e, daí em diante, copiado de algum descendente de **V** (cf. Malaspina et Al., 2014, p. 608-10); um outro caso é a segunda mão de **Gadd** (cf. *infra* § 4.3) e a segunda mão de **Par6**, que introduz lições provenientes de **F** num descendente de **V** através de **Scor4** (cf. *infra* § 4.5). Bem mais invasivas são as contaminações “internas” entre diferentes membros da família de **V**, que tornam a localização estemática sempre mais difícil à medida que se distanciam do protótipo.

²¹ Recordo que **A** não possui descendência, salvo por meio de **F**, portanto, a coincidência de **A**² com **V**² é um fato isolado, sem consequências.

²² Cf., no entanto, *infra* n.º 8.

²³ Os exemplos chegam ao § 104, onde, como se disse, termina o texto de **V** em nosso domínio. Na realidade, ainda na parte sucessiva, é possível distinguir, com alguma probabilidade, os erros nativos de **V** daqueles que derivam do seu primeiro apógrafo (cf. Malaspina, 2018, p. 1984-85).

: 7 cuperent ω cupere **v** : 11 inquit *iterum ante mecum* **v** : 12 qui sosus ω qui Solus **v** : et in ω ut in **v** : quae contra Platonem erat *post praetermittenda* est **v** : 15 diceret **B²A** dicere **B¹** *om.* **V¹** cognosceret **V²** agnosceret **v²⁴** : 22 enim notitias ω notitias **v** : 26 quid quod ω quod **v** : 28 dicere percipi posse ω diceret posse percipi **v** : 29 quae ω et que **v** : 30 artificio ω artificioso **v** : 31 corroborat ω et **v** : 32 eius modi ω huius modi **v** : et hoc ω hoc **v** : 40 si omni ω sed omni **v** : 43 illa uera ω illa uero **v** : 49 obiectum ω ab **v** : 50 et si ω ut si **V²F²** et ut si **v** : 54 plane esse ω esse plane **v** : 63 quidem te ω te quidem **v** : 72 ea dicimus ω dicimus ea **v** : 75 addissoluit **V** dissoluit **B²A²F** adis soluit **v** : 82 quantus ω quantum **v** : 93 quid plura *om.* **v** : 95 aut falsum ω an falsum **v** : sint ω sunt **v** : 98 ludere **AF** cludere **BVSN¹v** concludere **N¹v** : 100 si iam ω suam **v**

Tal estado de fato leva a postular a existência de um apógrafo de **V**, que chamamos **v**, fonte comum do grupo, e, conseqüentemente, a indagar se ele coincide com algum dos 33 testemunhos ou se deve ser considerado perdido. A imensa maioria desses data dos séculos XIV-XV e é, portanto, excluída por óbvias razões cronológicas. Os mais antigos, afora **Scor4** (séc. XIII), são **T** (XII-XIII) e **N** (séc. XII), os únicos anteriores ao século XIII²⁵, portanto, os primeiros a possuírem indícios de ser o apógrafo de **V**, do qual dependem os outros.

Todavia, **T**²⁶ é, por sua vez, mutilado em quase metade da obra (contém somente os §§ 7-83) e é, há algum tempo, considerado em todo o *Corpus Leidense* como uma cópia de **N**²⁷, o que é fácil demonstrar também em relação ao *Luc.*, com base na série de erros conjuntivos, que veremos em breve no n° 4, e em menores coincidências paleográficas e ortográficas²⁸. Ademais, uma série

²⁴ O erro é provavelmente justificado por uma particularidade gráfica de **V**, a saber, o sinal de referência Δ (110v, I col., 7, reproduzido também 111r, II col., 18) em margem em frente a *cognosceret*, interpretado pelo copista sucessivo como *A de agnosceret*.

²⁵ Eles não contêm o *De legibus* ou os *Academici* e, portanto, são excluídos dos estemas de Schmidt e Hunt.

²⁶ 126 p., pergamináceo, duas colunas em escritura muito cuidada formalmente, mas plena de incorreções, sem intervenções de corretores; contém, de Cícero, *Luc.* (f. 1r-8v, § 7 *sunt etiam* – § 83 *ut minuam*); *De natura deorum* I-III (com lacunas e inversões, f. 9r-26r); *De fato* (f. 26r-30v); *Epistulae ad familiares* (f. 31r-61v). A página com os §§ 1-7 do *Luc.* desprende-se, mas a outra metade desse último fólio do quínio é o atual fólio 9, que possui ao final um sinal de referência para a primeira palavra do quaternio sucessivo (*controversiam*), que, no entanto, desprende-se, fazendo desaparecer o final do *Luc.* e o início do *De natura deorum* até *vere] amur esse non possit de nat.* 1, 102, com o qual se inicia o atual fólio 10r. Na margem superior do fólio 1r, uma mão muito mais tardia acrescenta *Majoris monasterii Congregat S. Mauri* (abadia de Marmoutier).

²⁷ Com algumas exceções, cf. *supra* n. 19.

²⁸ **T** conserva até mesmo os sinais de parágrafo de **N**, como entre *Hortensius* e *Cum* (§ 10), ou transforma-os em iniciais de cor azul, como *Sequitur* (§ 30), *Nunc* (§ 37); segue, em geral, **N** bem de perto nas particularidades gráficas, como *heridictum* (§ 11) para *heri dictum*; o erro *Nichil necesse est* (§ 16) é o fruto de uma leitura errônea do *Nichil nee* de **N** (= *Nihilne est*); a ditografia de *quae aut nulla sunt aut internosci a falsis non possunt* no § 22 corresponde a quase exatamente uma linha de **N** (2v col. II). **T** foi copiado após a revisão de **N**² (o que se vê

de *lectiones singulares* atesta que **T** não tem relação com nenhum dos códices conhecidos do *Luc.* e se caracteriza, portanto, como último testemunho do “fim da linha” da tradição:

3)²⁹ 23 non possint ω possint **T** : quaerendi ω quendi **T** : tum inventa ω tamen inventa **T** : 27 possit esse ω esse possit **T** : 28 non possent ω non possint **T** : 29 haberet ω rent **T** : esse dicerent ω esse dicerent **T** : 30 aliqua sic ω aliqua si **T** : 31 et *om.* **T** : 33 ullum habere ω nullum habere **T** : 34 aut ω ut **T** : 35 percipis sed **B²A²V²N** percipisset **B¹A¹V¹** perciperis sed **T** : quid eo ω qui eo **T** : 36 interest ω est **T**

Restar-nos-ia apenas **N**³⁰ (que apresenta o *Luc.* sem maiores lacunas) para cobrir a função de **v**: ao menos esta é a *vulgata* no *Corpus Leidense* se se pensar que Plasberg o considerava apógrafo de **V** já corrigido por **V**³¹ e recorreu às suas lições a partir do § 104 do *Luc.* em substituição a **V**, enquanto anteriormente esse estava quase integralmente ausente do aparato, em rígida obediência à *eliminatio codicum descriptorum*. Van den Bruwaene, 1970, p. 37, foi além, afirmando que **N** “est copié incontestablement sur **V**, on peut donc refaire la tradition **V** grâce à **N**” (destaque meu). Não possuo argumentos para julgar a validade dessa afirmação a respeito do *De natura deorum*, ao qual van den Bruwaene se referia, mas posso dizer que, a respeito do *Luc.*, é incontestável que **N** não seja cópia direta de **V**, mas do seu primeiro apógrafo **v**, com o qual compartilha as lições conjuntivas *supra* n.º 2, do qual, porém, distancia-se por uma série de erros que compartilha somente com **T** (nos §§ 7-83, nos quais a comparação é possível) e não com os demais 31 pertencentes à família. Dado o alto número de ocorrências, apresento em seguida uma seleção, também aqui limitada por alguns §§ (1-32):

pelo *hee* do § 22), mas antes das posteriores intervenções de **N**³ (*volebant*, § 33); distingue-se de **N** corrigindo-lhe erros ortográficos banais como *Antihoum* (§ 11), *Philioni* (§ 11) e *aliut* (§ 22), normalizando em *-em* o *Socraten* de **N** (§ 14) e as formas arcaizantes como *percipiundi* (§ 26); enfim, sente-se livre de não seguir **N** na escolha ortográfica de formas assimiladas ou etimológicas dos prevérbios.

²⁹ Em razão do grande número de exemplos disponíveis, limito-me aos §§ 23-36.

³⁰ Membranáceo, em duas colunas (como **V** e **T**), contém *Luc.* (1r-13r); *De natura deorum* (13r-46v); *De fato* (46v-50v); *Epistulae ad familiares* I-VIII (51r-91v); *Historia Daretis de historia Troiae* (92r-97v). Escrito por várias mãos, das quais a primeira possui traços mais agudos e goticizantes do que as sucessivas, não possui feituas de prestígio, se ressalvadas as capitulares retocadas em minio apenas no fólio 1. As margens atestam escassas glosas, além da atividade de um corretor (**N**²) que recorre a um ponto ou a uma linha mais abaixo para expungir, acrescenta letras e palavras na entrelinha superior, usando uma vírgula entre as letras como sinal de referência, e colaciona com segurança o antígrafo de **N**, sobretudo a fim de reintegrar as numerosas omissões, ponto débil da primeira mão.

³¹ «In posteriore Luculli parte ad supplendum illius defectum adscivi codicem bibliothecae Parisinae [...]. Is ut multi recentiores fluxit e Vindobonensi iam priorum correctorum (**V**²) curas passo» (Plasberg, p. xxi; cf., no entanto, *infra* n. 33).

4) 1 ad *om.* N : 2 in negotiis ω negotiis N : 3 cum utilitate *om.* N : 13 etiam *om.* NT : 15 congruentes ω congruens NT : 16 igitur actum ω actum igitur NT : 19 aut *om.* NT : multaque facimus usque eo dum aspectus ipse fidem faciat sui iudicii. quod idem fit in vocibus *om.* NT : requirat *om.* NT : 21 mortale ω rationale mortale NT : 23 modo *om.* NT : 24 Atque etiam illud perspicuum est, constitui necesse esse initium quod sapientia *om.* NT : 27 decretum nullum ω nullum decretum nullum NT : 32 docere *om.* NT

É, portanto, um primeiro resultado seguro da minha pesquisa que, em relação ao *Luc.*, os *recentiores* pertencentes a esse ramo não descendem de N, mas são, por assim dizer, primos, dependendo todos de um único apógrafo perdido de V, a saber, v, que devemos situar cronologicamente entre V e N, entre os séculos IX e XII portanto. Mesmo não havendo provas seguras, é possível imaginar v como fruto do trabalho de revisão realizado sobre V ainda em pleno século IX por V² (isto é, por Lupo e por sua escola) talvez em Ferrières³², em paralelo com o que fora feito sobre BA para o exemplar F em Corbie.

Uma consequência edótica imediata é que, para os §§ 104-48, em que falta V, seria mais correto apresentar em aparato como sucedâneas não as lições unicamente de N, mas ao menos as de v, constituído, como consta *supra* n° 2, pelo *consensus* dos seus apógrafos. Os erros peculiares de N continuam, de fato, ainda após o § 104: já que não são originários de V (se assim fossem, deveriam ser encontrados também em v, e não só em N), possuem valor probatório como *disiunctivi* de N. Eis alguns de seus erros, limitados por brevidade aos §§ 133-48:

5) 133 illa BA³ ille A¹ *om.* N : 134 qui cum ω cum qui N : 137 qui tum ω qui tum videbitur N : 145 At scire negatis quemquam rem ullam nisi sapientem *om.* N : 146 artificia ω artificiosa N³³

4.2. Os descendentes diretos de v

Como já mencionado, os apógrafos de v, incluídos NT, permitem-se catalogar, com bastante facilidade, em classes com base em erros conjuntivos e, sobretudo, em quatro lacunas maiores (§§ 28, 28, 106, 144), cujo acúmulo

³² Cf. Pellegrin, 1988, p. 139-40; Ricciardi, 2005, p. 62. Que V tenha sido copiado em Ferrières é um dado que parecia ter sido obtido *ex auctoritate* de B. Bischoff (cf. Schmidt, 1974, p. 168, e Rouse, 1983, p. 126), contudo, recentemente foram levantadas dúvidas sobre a existência de um *scriptorium* nessa sede (cf. von Büren, 2007, p. 173: devo esta incorporação bibliográfica a Michael Reeve).

³³ Veremos *infra* no § 7, a quais *recentiores* é suficiente limitar-se a fim de reconstruir v e a parte faltante de V, seguindo o princípio da *eliminatio codicum descriptorum*. Por amor da verdade, deve-se dizer que Plasberg, embora sem nunca explicitá-lo, devia ter-se dado conta da natureza de erros peculiares de muitas particularidades de N e, portanto, excluiu-as de seu aparato (tanto *maior* quanto *minor*), a partir de todas aquelas elencadas aqui como n° 5.

sucessivo marca cada vez mais a distância dos *recentiores* do arquétipo.

Os descendentes diretos distinguem-se por exclusão, pois apresentam as numerosas perdas de uma ou duas palavras de **V** e somente a lacuna maior do § 144, *omnes] qui in contione stabunt exules ser[vos insanos*, que reencontraremos *infra* n° 8: essa é comum a **vm**, portanto, mesmo encontrando-se na parte perdida do texto, é seguramente originária de **V** e não corrigida por **V²**. Tal estágio do texto é, todavia, atestado, na linha de **v**, apenas em **N**, em dois códices muito tardios, **Par9** e **Nicc** (séc. XV), e nos apógrafos deste último, dos quais trataremos no parágrafo seguinte.

Par9, pergameneo, hoje reduzido aos fólhos 79r-234v, contém as *Saturnálias*, de Macróbio (79r-171v), o *Luc.* (175r-197r) e, após o fólho 198, faltante, o *De divinatione* (199r-234v); nele, não há glosas ou *marginalia*, mas traços de um corretor mais tardio, que intervém com traço cursivo e curto entre as linhas. A mão dos dois diálogos ciceronianos é a mesma, densa e plena de abreviaturas, muito diversa daquela que assina Macróbio em uma gótica de traço espesso. O copista foi identificado como Nicolas de Clamanges ou Clémanges³⁴ por F. Gasparri, que enquadra a sua grafia como «pré-humanística italianizante». É possível vincular **Par9** com Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 15084 (indicado com S por Schmidt, 1974), que possui *De legibus*, *De fato* e o *Fédão* traduzido por Leonardo Bruni, cuja datação proposta é 1404-1405³⁵.

Se **Par9** atesta a presença de apógrafos de **v** na França no início do século XV, **Nicc** atesta a sua passagem na região italiana central: em pergaminho e de pequenas dimensões, esse contém sete obras ciceronianas, dentre as quais três do *Corpus Leidense*, escritas por uma só mão em uma humanística bastante clara e equilibrada, ainda que pouco caligráfica e plena de abreviaturas³⁶. Nos fólhos de guarda iniciais, dentre as assinaturas numéricas de várias mãos, destaca-se

³⁴ Gasparri, 1994, tabela 64 (f. 217); suas características parecem-me o *titulus* ' para *-tur*, a forma idêntica de *-a-* e de *-ci-* e a forte semelhança entre *c* e *t*. Nicolas de Clamanges (circa 1360-1437) esteve ativo em Paris do ano 1423 ao 1437 e é lembrado também na tradição do *Florilegium Angelicum* (cf. Rouse; Rouse, 1976, p. 78, 81) e na do *De legibus* (cf. Schmidt, 1974, p. 432-3; Rouse, 1983, p. 127). Em seguida, **Par9** entrou na Biblioteca do convento agostiniano de Saint Victor, em Paris, onde foi registrado no catálogo de Claude de Grandrue, do ano 1514 (cf. Vernet, 1989, I, p. 87, e Ouy, 1999, II, p. 529).

³⁵ Embora a grafia (gótica bastarda francesa) seja diversa, ambos pertenceram a Saint Victor e, talvez um pouco antes, a Nicolas de Clamanges (cf. Schmidt, 1974, p. 59, e Rouse, 1983, p. 127).

³⁶ 145 x 214 mm, com espaço de escritura de 98 x 164 mm e 31 linhas por página, contém *Luc.* (1r-27r), *Timaeus* – texto não inventariado nem no *index* do manuscrito (cf. n. seq.) nem no catálogo impresso dos códices de San Marco do ano 1768 –, *In Vatinius*, *De provinciis consularibus*, *De haruspicum responso*, *Topica*, *Partitiones oratoriae*. O texto de *har. resp.* deriva de Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 7794 (Tours, séc. IX) por meio de um intermediário corrigido (Reeve, 1988, p. 121, n. 17).

aquela de Niccolò Niccoli († 1437), que compila o índice³⁷.

É inevitável que códices florentinos do século XV tenham nas margens ou na entrelinha *variae lectiones*, especialmente o *Corpus Leidense*, após o retorno de Poggio Bracciolini do concílio de Costanza com **F** e com a sua cópia **Vat4**³⁸: não surpreende, portanto, que, diferentemente de **Par9**, **Nicc** mostre os sinais da intervenção frequente, seja de um corretor não muito mais tardio, que escreve com tinta mais escura e usa, com rigor, pontos de eliminação sob a letra e sinais de referência no alto para as integrações, seja de uma mão mais gótica nas margens, pelo traço sutil e incerto.

Par9 e **Nicc** apresentam todos os erros conjuntivos de **v** catalogados *supra* n° 2³⁹, enquanto não apresentam aqueles de níveis mais baixos da tradição que veremos *infra* n° 7. Ademais, ambos possuem falhas e erros específicos, que garantem não haver relações entre eles ou outros manuscritos conservados além da origem comum em **v** e da descendência que **Gadd** tem de **Nicc**, do qual tratamos agora⁴⁰.

4.3. Um parêntese florentino: **Gadd** e os seus apógrafos

Gadd é um códice já bem estudado por P. L. Schmidt⁴¹: ao menos dessa vez, as conclusões válidas para o *De legibus* podem ser estendidas com poucas modificações e acrescentadas também ao *Luc*. Trata-se, de fato, de um manuscrito escrito em humanística cursiva por volta de 1440⁴², que foi utilizado como

³⁷ A identificação da mão deve-se a Reeve, 1984, p. 268, seguido por Gentile, 2000, p. 83, n. 11: *In hoc codice continentur hae orationes / M. Tullii Ciceronis liber iii et iiii Academicorum / Idem In Vatinius testem oratio / Idem de provinciis consularibus oratio / Idem de haruspicum responsis in Clodium / Topicorum ad Trebatium iurisconsultum / Idem partitionum § S(anct)i marci d(e) Flo(rentia) ordi(nis) p(atrum) p(rae)dicator(um)*. Uma outra mão acrescenta *Ex hereditate Nicolaj de Nicolis florentini viri doctissimj*.

³⁸ Cf. *supra* n. 20 e Malaspina et Al., 2014, p. 595. Niccoli, ademais, recebeu em sua biblioteca os códices de Coluccio Salutati por ocasião da morte deste (cf. De Robertis; Tanturli; Zamponi, 2008, p. 309): dentre esses, com o *Luc*., estava **Magl**, rico em conjecturas e *variae lectiones* (cf. Senore, 2017, n. 3, 13 e 14).

³⁹ Mas, no § 54 (*plane esse ω esse plane v*), **Nicc** está com ω e é pontualmente assim seguido por seu apógrafo **Gadd** (cf. § seq.). Mais que de uma contaminação com **F**, creio que se trate de uma falha mecânica, do mesmo modo da ulterior inversão *esse plane* que se lê em **Yal**, cópia de **Gadd**.

⁴⁰ E.g. no § 9, a respeito das duas soluções *omnia* e *omnino* da tradição (cf. *supra* n° 1), **Par9** mostra a *varia lectio* ainda reconhecível como tal, com *o(mn)ia* em linha e (*vel*) *omnino* em entrelinha, enquanto **Nicc** e, com ele, **Gadd** e os seus apógrafos integraram ao texto o sem sentido *vel omnino omnia*, lição distintiva do grupo; no § 28, **Par9** conserva ainda o genuíno *ut id ipsum*, em oposição a *ut ipsum* de **Nicc**, de **Gadd** e dos seus apógrafos, e as outras soluções dos ramos inferiores do estema (*id ipsum Matr ut non id ipsum Par² Par⁷ Schl*). No sentido contrário, no § 84, **Par9** acrescenta como erro singular a inversão *certe potest videre* ao erro conjuntivo **Vm Nicc Gadd videre c. p.** a respeito da *vera lectio* de **BA videri c. p.**

⁴¹ Schmidt, 1974, p. 319; 328-35; cf. também Hunt, 1998, p. 127-41.

⁴² Cartáceo, de 28 linhas por página em uma só coluna, sem elementos de valor e com

antígrafo-base para uma série de cópias *in folio* de grande valor da série com decorações em *bianchi girari*, produzidas por cerca de duas décadas por Vespasiano da Bisticci e hoje propagadas pelo mundo afora⁴³. Dos oitos apógrafos que Schmidt distingue para o *De legibus*⁴⁴, sete contêm também o *Luc.* (**Ball Bon Corv Dresd1 Fes Laur3 Yal**), e, a esses, acrescento **Lond**, que não tem o *De legibus*. Um exame metucioso do grupo estaria fora dos limites deste artigo e, sobretudo, constituiria um progresso limitado para a tradição do *Luc.*, a partir do momento em que todos os oito conservam as lições particulares de **Gadd**, com o acréscimo de suas óbvias falhas particulares, mescladas a uma presença de **F Vat4**, ora mais leve, ora mais maciça a ponto de ocultar intercaladamente as lições distintivas da família de **V**⁴⁵.

Mais profícuo é, na verdade, dedicar-se ao antígrafo de **Gadd**, que, como já dissemos, para o *Luc.*, deixa-se identificar sem dúvidas em **Nicc**, enquanto, para os *Academici*, o texto deriva de Florença, Biblioteca Medicea Laurenziana, Conventi Soppressi 131⁴⁶ e, para o *De legibus*, de um descendente de um códice perdido de origem francesa, indicado por *p*, que reveremos no § seguinte⁴⁷. **Gadd** revela, portanto, o esforço em recuperar uma coleção filosófica ciceroniana coerente e a mais completa possível, na qual o *Corpus Leidense* vem a ser reconstruído por diversas fontes em seis de seus oito componentes originários (faltam *Paradoxa* e *Topica*).

O texto do *Luc.* em **Gadd** diferencia-se daquele dos *Academici* e do *De legibus* porque se apresenta ainda como um genuíno membro da classe de **v**, com

amplas margens ocupadas por uma trintena de glosas ao todo para o *Luc.*, contém *De natura deorum*, *De divinatione*, *De fato*, *De legibus*, *Academici libri* (até 178r, sem *explicit*; ff. 178v-180v vazios), *Luc.* (chamado *Acad. III et IV*, 181r-211v), *Timaeus* e *Somnium Scipionis*. «Aquis pluvialibus valde maculatus» (Bandini, 1774, III, p. 662), pertence como n.º 26 aos códices com nota de posse «bernardi de puccinis» (f. 1r), que entraram na Biblioteca Laurenziana no séc. XVI (cf. Oakley, 2016, n.º 27).

⁴³ Sobre Vespasiano é obrigatória a referência de la Mare, 1996.

⁴⁴ Todos copiados diretamente de **Gadd**, sem passagens intermediárias, cf. Schmidt, 1974, p. 319-28, e também Malaspina, 2011, p. 553.

⁴⁵ É o caso de **Corv**, o único em relação ao qual se pode falar de uma contaminação sistemática das duas tradições, ao menos para o *Luc.* (cf. em geral Schmidt, 1974, 324-6 e Hunt, 1998, p. 134-5, que assinala o manuscrito como *Pier*). Um exemplo para todos está no § 135, no *nec ferri* de **v Nicc Gadd**¹, corrigido justamente em *efferr* por **Gadd**² sobre os rastros de **Vat4** (*ecferri BA*) e tornado *haec efferr* em **Bon Corv Fes**, como parte da tradição de **F** estranha a **Vat4**.

⁴⁶ Cf. Hunt, 1998, p. 60-1.

⁴⁷ Cf. Schmidt, 1974, p. 329: «[...] scheint die Hypothese erlaubt, in der vom *Gaddianus* benutzten *p*-Vorlage jenes auch dem *Bodleianus* vorliegende, direkt nach Frankreich weisende Exemplar zu sehen»; com *Bodleianus* entende-se Oxford, Bodleian Library, Auct. F.1.12, ao qual é alinhado como terceiro descendente, com **Gadd**, do mesmo apógrafo de *p*, também Wolfenbüttel, Herzog August Bibliothek, Aug.22.6.4.º (3260), restrito como os precedentes do *Luc.* (cf. Schmidt, 1974, p. 206, que não atribui nenhuma sigla a esse testemunho intermediário).

traços de contaminação por **F**, nem sempre via **Vat4**, os quais são, todavia, bem reconhecíveis, como correções interlineares ou *variae lectiones* marginais, antes de confundirem-se no texto dos vários apógrafos⁴⁸. Referimos aqui alguns erros distintivos de **Nicc Gadd**, para acrescentar àqueles referidos *supra* n. 40, com a advertência de que, como se disse antes, nem sempre eles se mantêm em todos os apógrafos:

6) 22 aliquid **BAm**⁴⁹ aliquo **v Par9** aliquod **Nicc** aliquod **Gadd** : 106 etiam ω **Par9** sed etiam **Nicc Gadd** : 134 nisi alterutrum sit ω ne si alterum nisi **Par9** si ne si alteruter nisi **Nicc**¹ si alteruter nisi **Nicc**^{1c} **Gadd Bon Corv Laur3** ne si alteruter nisi **N Nicc**³ : 145 fecerat ω **Par9** fecerit **Nicc Gadd**

Nem todas as particularidades de **Gadd** descendem de **Nicc** ou das interpolações de **Gadd**: em certos casos, encontra-se o erro nativo do copista, como no § 70 *umbra* por *umbram* e no § 71 *ceteris* por *ceteri*, erros transmitidos aos apógrafos⁵⁰.

4.4. O códice **x** e **Matr**

O estágio sucessivo do texto do *Luc.* é de longe o menos atestado nos manuscritos que chegaram até nós e deriva de um testemunho perdido, o qual chamamos **x**: esse localiza-se entre **v**⁵¹ e a classe sucessiva (que tem início no séc. XIII), provavelmente ainda na França, e é caracterizada pelo *saut du même au même* do § 28 *consentaneum esse] unum tamen illud dicere percipi posse consentaneum*

⁴⁸ O *Conventi Soppressi* 131 dos *Accademici* e o antígrafo perdido do *De legibus*, ao contrário, eram já fruto de uma contaminação de dois ramos diversos, a que se acrescentou, no momento da cópia de **Gadd**, aquela proveniente de **Vat4** (por sua vez, contaminado, como sabemos, cf. *supra* n. 20 e Schmidt, 1974, p. 328: «[...] wie in den beiden Quellen, so auch hier [= **Gadd**] erneut zwei Textfassungen gemischt worden sind»). Todavia, a descrição que o próprio Schmidt, 1974, p. 328-9, faz do aspecto de **Gadd** é adequada também à seção do *Luc.*: «[...] das *p*-Exemplar zur Grundlage genommen wird; seine Eigenheiten treten im Fall von Doppelfassungen immer im Text auf. Mit der Poggio-Kopie [= **Vat4**] werden weniger überzeugende *p*-Lesungen beseitigt, sofern aber in Alternativfassungen die Wahl offen bleibt, rücken ihre Varianten interlinear oder marginal stets an die zweite Stelle». Basta um par de exemplos: no § 88, *eum somniare* de **BAV¹F Vat4** é intervenção de **Gadd**², retomado por parte dos apógrafos, como **Yal**, enquanto **Lond** mantém-se fiel ao *eum somnia* que **Gadd**¹ deriva de **V²vm**; no § 134, **Gadd**¹ segue **v** na forma *senseat* (*censeat* **B²A²F**), corrigida em entrelinha em *sentiat*, que provém de parte da tradição de **F** (mas não de **Vat4**, *censet*) e que se encontra isoladamente nos apógrafos de **Gadd**; no § 145, o *est etiam* de **v Gadd**¹ é corrigido com expunção de *est* por **Gadd**², cuja lição se transmite aos apógrafos.

⁴⁹ Cf. *infra* n. 63.

⁵⁰ Aqui, talvez a grafia particular *ce*t*i* de **Nicc** (mas também de **Par9**!) poderia justificar o deslize de **Gadd**, como o § 145, onde *digitos* de **Gadd**¹ por *-tis* poderia provir de uma leitura desatenta de **Nicc**, cujo *-i-* unido a um *-f* se assemelha a um *-o-*; nesse caso, contudo, o erro é corrigido por **Gadd**^{1c} e não se transmite aos apógrafos.

⁵¹ Portanto, talvez já a partir do séc. IX-X, cf. *supra* n. 32.

esse [ut alia non possent, que se junta à lacuna do § 144.

Tal estágio é conservado em um único códice, **Matr**⁵², que já só pela sua datação do fim do século XIV e início do XV se localiza cronologicamente não só após **x**, mas também após **Scor4** protótipo da classe sucessiva. Ademais, o texto é particularmente impreciso, com omissões, falhas e incompreensões maiores em grande quantidade⁵³, o que é necessário atribuir aos últimos copistas e não a **x**, cujo texto não se deixa, portanto, reconstruir com facilidade⁵⁴.

Noto, enfim, que, com **x** e **Matr**, a tradição do **Luc.** torna a distanciar-se daquela do *De legibus*: o antígrafo de **Matr** por esse tratado vem, de fato, indicado no mesmo *p* que já conhecemos e ao qual ainda voltaremos. Esse é, para Schmidt, um ponto crucial do *De legibus*, pois dele derivariam, além de **Matr**, dois manuscritos ingleses atualmente desaparecidos (*Fabricianus* e *Regius*), o antígrafo comum de **Gadd** e de outros dois testemunhos e, por meio de um quinto apógrafo, toda a tradição *recentior* restante de **V**⁵⁵, enquanto, para o *Luc.*, **x** vem situado num nível menos alto da tradição.

4.5. Scor4 e a classe ε

Encaminhamo-nos para o final do exame de **v**, com os últimos dois grupos, o primeiro dos quais, nascido na Itália, caracteriza-se pela inserção, no § 106, da terceira lacuna maior, igualmente causada por um *saut du même au même*: *quisque meminit] habet ea comprehensa atque percepta; falsi autem comprehendi nihil potest; et omnia meminit* [*Seiron*. A respeito das fases precedentes referentes a **v** e **x**, são notáveis os vínculos internos entre os vários testemunhos da classe ε, sobretudo,

⁵² Pergamenáceo, de 203 fólhos, contém *Philippicae* (extratos de mão diversa e mais recente), *Timaeus*, *De fato*, *De legibus*; *Luc.* (100v-122v), *De divinatione*, *De natura deorum* e é escrito em uma gótica bolonhesa que Schmidt, 1974, p. 205, atribui à França meridional. Dele pode-se reconstruir a atribuição ao Duque de Uceda, antes da passagem pela biblioteca de Filippo V no século XVIII e, enfim, pela Biblioteca Nacional (cf. de Andrés Martínez, 1988, *s.v.*). **Matr** possui elementos de valor, como belas miniaturas das iniciais, sobre fundo ouro (para o *Luc.* 100v), títulos contínuos na margem superior (em relação ao *Luc.*, *Introductorius luculli* no verso e *loquentis ad hortensios* [*sic*, como no *explicit*] no recto), notas marginais, com os nomes dos personagens citados, e, enfim, raras correções interlineares de uma mão de traço mais sutil, que usa para as integrações o sinal de referência >.

⁵³ Poucos exemplos de *lectiones singulares* dos §§ iniciais do *Luc.*: § 2 *incredulis* por *incredibilis*; *verborumque* por *verborum*; § 3 om. *cum*; § 4 *que* por *cum*; *totum* por *secum*; § 5 om. *etiam*; om. *Graecarum*; om. *ullum*.

⁵⁴ Cf. e.g. o § 41, em que o originário *ea percipi non*, já submetido a uma primeira inversão (*ea non percipi* **Par9 Nicc Gadd**), sofre uma segunda inversão em ε (*percipi ea non*), que deve ser sucessiva a **x**, mas a lição parcial de **Matr** (*ea percipi*) mostra uma corrupção independente, de cujo *ordo verborum* se consegue, de qualquer modo, deduzir que o texto de **x** devia estar com **V** em oposição a ε.

⁵⁵ Cf. Schmidt, 1974, p. 206-16; para o antígrafo de **Gadd** cf. *supra* n. 47; para *Fabricianus* e *Regius*, *infra* n. 92.

desse é notável o protótipo, **Scor4**⁵⁶. A suas características gráficas devem-se alguns erros⁵⁷ presentes seja em seus nove apógrafos (**Gud Magl Par Par4 Par5 Par6 Par7 Schl Trec**), que formam uma classe que chamamos ϵ , seja na última fase que dela depende, ζ . Deles trazemos alguns exemplos, dentre aqueles identificados com riqueza por Senore, 2017, com a advertência de que contaminações internas e erros peculiares marcam todos esses testemunhos segundo as características típicas dos *recentiores* situados ao fundo dos *stemma*:

7) 14 esse omnia ω omnia esse $\epsilon\zeta$: 17 uero **BA** verum **Vv** verum vere **Matr**
 miru verum **Scor5** verum enim ϵ : 31 animal *om.* $\epsilon\zeta$: 37 nam cum uim quae
B²A²F Nam cumque **V¹v** Nam cumquae **V²v** Nam cum $\epsilon\zeta$: 45 progrediamur
 ω progrediatur $\epsilon\zeta$: 76 sentire *om.* $\epsilon\zeta$: 103 quod multa falsa probabilia ω probabilia
 quod multa falsa $\epsilon\zeta$: sonum nullum ω nullum sonum $\epsilon\zeta$: 113 primum
 ω primo $\epsilon\zeta$: 115 Non me ω Non ne me $\epsilon\zeta$: 129 et idem ω et idem et $\epsilon\zeta$: 133
 dicebas ω dicebat $\epsilon\zeta$

Mais uma vez, a reconstrução estemática do *Luc.* não coincide com a do *De legibus*, não só porque, nessa última, **Scor4** é um apógrafo sem descendência de uma cópia de *p*, mas, sobretudo, porque **Gud** e o conhecido **Trec** (com notas marginais de Petrarca), que Schmidt considera pertencer a uma família *w*, distinta de **V**, demonstram-se para o *Luc.* testemunhos secundários do ramo e cópias indiretas de **Scor4**⁵⁸.

4.6. O último estágio, a classe ζ

Sem que se possa definir neste artigo qual dentre os testemunhos de ϵ em nosso domínio seja sua fonte, tampouco quais sejam os vínculos internos, a última fase da descendência de **V**, que, como se disse, indicamos com ζ , estende-se entre os séculos XIV e, sobretudo, XV, em área prevalentemente italiana, por

⁵⁶ Graças a Senore, 2017. **Scor4**, pergamenáceo, de 240 fólhos (267 x 180 mm), conserva, escritos por várias mãos góticas em duas colunas, *Luc.* (1r-21f), *De natura deorum*, *Tusculanae*, *Timaeus*, *De legibus*, *De finibus*, *De divinatione*, *De fato*, *Pro Marcello*, *Pro rege Deiotaro*, *Pro Ligario*, *Catilinariae* e *Philippicae* nos fólhos 1-228, seguidos por *De anima* e *De fato* de Alexandre de Afrodísia em uma tradução anônima. Originário da Itália norte-oriental (Verona?), esteve em poder de Antonio Agustín, arcebispo de Tarragona (Antolín, 1916, v. 4, p. 181-3), e antes, talvez, de Bernardino Maffei (1514-1553, cf. Schmidt, 1974, 231): a sua datação, entre os extremos da segunda metade do século XIV (Schmidt, 1974, 231) e do século XIII (Antolín, 1916, v. 4, p. 181), é situada de modo persuasivo em pleno século XIII por Senore, 2017, p. 186-8.

⁵⁷ Limite-me a referir aquilo que Senore, 2017, p. 161-2, define como um «caso de manual», a saber, no § 138, a frase *vacemus omni molestia*, que, em toda a tradição tardia (seja ϵ ou os manuscritos do § seguinte), se apresenta como *vacemus id est careamus omni molestia* (com alterações mecânicas em alguns testemunhos). Apenas **Scor4** (f. 20r col. I, r. 20) traz o texto genuíno, todavia, com a margem *id est careamus*, uma glosa que o resto da tradição engloba no texto.

⁵⁸ Cf. Schmidt, 1974, p. 177-85, e Senore, 2017, p. 186-7.

meio de nove manuscritos identificados: **Glas Harl Mon2 Neap Neap2 Ott Par8 Parm Pat**. A característica que têm em comum é que, no atormentado § 28, à lacuna indicada *supra* 4.4., acrescenta-se uma segunda, algumas palavras antes, sempre por *saut du même au même: posse percipi*]. *Sed Antipatro hoc idem postulanti, cum diceret ei qui adfirmaret nihil posse percipi [consentaneum esse.*

A tipologia dos manuscritos, amiúde de pequeno formato, é muito variada: vai desde exemplares de valor, como o pequeno **Parm**, com decorações em *bianchi girari*, até cópias cursivas, como **Ott**, com numerosas correções e notas marginais. Esse último é ainda o único a ser estudado, ao menos superficialmente, para o *Luc*.⁵⁹, mas o exame das lições de ζ não é mais de utilidade nenhuma para o estudioso do texto e da tradição manuscrita do tratado ciceroniano.

5. BERT, CANT2 E WILLIAM DE MALMESBURY

Restam-nos apenas dois manuscritos descendentes de **V** que não pertencem à classe de **v**, isto é, **Bert** e **Cant2**. A sua colocação estemática é definida pelo compartilhamento com **V/V²v** das lições de que falamos acima na seção 1, mas, quando **v** se distingue de **V/V²**, **m** não se distancia desse último: de fato, nas lições referidas *supra* n° 2, **m** está sempre com ω. No que diz respeito ao estema, portanto, **m** dá origem a um ramo paralelo a **v** e desse independente, mesmo dividindo a descendência de **V/V²**.

Muito comuns são os erros conjuntivos, que, como se disse, isolam **m** de todo o resto da tradição, e que apresento aqui em número reduzido:

8) 1 continuo ωv continuoque **m** : admirarentur ωv multi admirarentur **m** : 2 Graeciae principem ponimus ωv principem grece ponimus **m** : in animo res insculptas ωv insculptas in animo res **m** : 3 ille rex ωv rex ille **m** : 4 Graecis litteris ωv litteris grecis **m** : studio ωv studio litterarum **m** : 5 nec litterarum Graecarum nec philosophiae ωv nec philosophie nec litterarum grecarum **m** : 7 disputent ωv disputant **m** : 28 est natum ωv natum est **m** : perceptum a sapiente ωv a sapiente perceptum **m** : 35 iis usu **B²A²F** his/hiiis usu **Vv** usu **m** : 38 perspicuam non adprobare *om.* **Vv** appetere **m** : 50 et si lupi **BAV¹F¹** ut si lupi **V²F²** et ut si lupi **v** ut si lupi sint **m** : 62 sublata enim **BA** sublatenter **Vv** sic latenter **m** : 89 adsunt **AV¹** adsum (*vel* assum) **V²v** adversum **m** : 97 dialectici pugnent ωv pugnent dialectici **m** : 100 consilia capiet **BA** consilia **Vv** sumet consilia **m** : 102 est perspicuum ωv perspicuum est **m** : 104 ut sequens probabilitatem ωv ut sequatur probabilitatem **m** : aut occurrat ωv occurrat **m** : aut etiam ωv etiam **m** : non respondere ωv respondere non **m** 106⁶⁰ percipimus **BAv** percipimus **v** percipitur **m** : perceptarum **BAv** conceptarum **m** : licet **BAv** lucret **m** : aut concedendum **BAv** concedendum **m** : et facere **B¹A¹v** et facile

⁵⁹ Malaspina et Al., 2014, p. 612-4.

⁶⁰ Recordo que, a partir do § 104, não podemos mais confiar em **V**.

B²A²F *facere m : 111 illam BAv illa m : 135 consentiunt BAv dissentiunt m : pro veris BAv pro nobis m : 144 undique omnes BAv omnes undique m : quod eos omnes qui in contione stabunt exules servos insanos esse dicatis BA* *quo deos omnes vos insanos esse dicatis v quod eos omnes vos insanos esse dicatis v quod deos omnes insanos esse dicatis m*⁶¹

Enfim, **Bert** e **Cant2** possuem, cada um, um número não elevado de lições peculiares, sobretudo falhas e erros mecânicos, que podem ser imputados provavelmente aos copistas finais do século XV. Deles apresento, em seguida, alguns exemplos, relativos, primeiro, aos erros peculiares de **Bert**, depois, relativos a **Cant2**, e, enfim, a alguns dos casos em que os dois manuscritos operam de maneira independente:

9) *3 in eodem ωv Cant2 in eo Bert : 5 Catonem ωv Cant2 Cathonem Bert : 44 rebus ωv Cant2 in rebus Bert : 106 comprehendere BAv Cant2 apprehendi Bert : 111 Ne illam BAv Ne illa Cant2 De illa Bert : 144 occludi BAv Cant2 concludi Bert*

6 ad populares ωv Bert in populares Cant2 : 14 similiter Cant2 simile ωv Bert : 35 ex hoc illud ωv Bert ex hoc Cant2 : 85 nec admodum ωv Bert set nec admodum Cant2

3 mithridatico ωv mitridatico B¹v Cant2 mitdatico Bert : 4 antiochus A Anthiocus B²v Bert Anthiochus F Cant2 : 102 sed scriptum est ita ωv scriptum est (ergo) ita Bert scriptum est igitur ita Cant2 : 104 possit NF³ Bert posset BAF¹ Cant2

Tais lições parecem garantir que nem **Bert** é apógrafo de **Cant2** nem **Cant2** apógrafo de **Bert**: delinea-se, portanto, o quadro de um manuscrito descendente de **V** por via distinta de **v** e sobre o qual foram copiados dois apógrafos, provavelmente diretos. Se forem examinadas, então, as lições conjuntivas, nota-se logo que poucos erros podem ser apurados como corrupções mecânicas: algumas intervenções são motivadas gramaticalmente, mesmo que erradas, e estão presentes em modo paralelo e independente também em parte da descendência de **v**⁶²; outras, do mesmo teor, são acertadas⁶³. Que nesse caso não se trata de fruto da colação de **BA** ou de alguns de seus descendentes parece poder-se deduzir do fato de que mais frequentemente **m** conjectura *ope ingenii*, demonstrando plena

⁶¹ Cf. *supra* § 4.2.

⁶² E.g. *3 instrumento BA instrumenti VN Nicc Par9¹ instrumentis m Gadd Par9^{1c}*.

⁶³ E.g. no § 1, o absurdo *peraccepta* de **Vv** é por **m** reconduzido ao correto *percepta* de **BA** com uma intervenção bastante simples realizada em ordem esparsa também por alguns copistas e corretores de **v** (**Corv² Magl Neap Pat Yal**); no § 20, a correção do *cernet* de **Vv** volta ao subjuntivo *cernat* testemunhado por **BA**; no § 22, *aliquo* de **Vv** é corrigido em *aliquid*, lição de **BA**; no § 139, parece-me casual a coincidência com **F³** na conjectura *labore ut B²A²F³m* por *labore ut B¹A¹SNF¹v*.

inteligência do texto, mas afastando-se inevitavelmente da *recta lectio* de **BA**. Dentre os exemplos *supra* n° 8, coloco em evidência a significativa lacuna de *perspicuam non adprobare* (§ 38), não reconhecida por **V²** e continuada em **v** sem, a meu ver, tentativas de emendas. Em **m**, por sua vez, em seu lugar lê-se *appetere*, com que ao menos o sentido gramatical é preservado⁶⁴. Paralelos os casos do § 62, onde *sublata enim* de **BA**, corrompido na *vox nihili* de **Vv** *sublatenter*, é manipulado em *sic latenter* por **m**; do § 89, onde *adsunt, me expetunt*, já corrompido por **V²** em *adsum /me* (e tornado amiúde *assume* em **v**), é reelaborado em *adversum me expetunt*; enfim, do § 100, onde a perda de *capiet* depois de *consilia* em **V** (cf. *supra* nn° 1 e 8) é restaurada por **m** pelo sentido, integrando *sumet* antes de *consilia*. Enfim, que mais modificações se concentrem às vezes em poucas linhas de texto faz imaginar a tentativa de uma releitura global de períodos particularmente hostis⁶⁵. Somente a **Cant2** deve-se ao menos uma correção segura do texto, o *similiter* do § 14, até agora atribuído no aparato Plasberg a “dett VenII”⁶⁶. Frente a um *modus operandi* tão sistematicamente intrusivo e corajosamente conjectural, é possível pensar que até mesmo as numerosas inversões de **m**, presentes *supra* n° 8, não sejam, como ocorre amiúde, falhas inconscientes, mas deliberadas adaptações a um *cursus* ou a um *ordo verborum* considerado mais correto ou elegante⁶⁷.

Mas quais características possui e como e onde se formou **m**, cuja existência permaneceu até agora ignorada? Proponho que, para responder de modo exauriente a essa indagação, seria necessário um estudo de **Bert Cant2** sistemático, isto é, relativo também a outros tratados ciceronianos então conservados ou ao menos àqueles do *Corpus Leidense*, estudo que, porém, por evidentes razões, não pode ser conduzido neste artigo, em que me limito a reportar as informações notáveis sobre a história dos dois códices e a trazer algumas conclusões e algumas conjecturas válidas para o *Luc.*, reservando-me aprofundar o assunto tal como merece em outro momento.

⁶⁴ O período soa assim em **m**: *quo modo non potest animal ullum non adpetere id quod adcommodatum ad naturam adpareat, sic non potest obiectam rem appetere.*

⁶⁵ Enquanto um tanto improvisado é o trabalho de correção do § 35, que, em **ω**, resulta *quid illud [illa edd.] in quibus consentiunt num pro veris probare possumus* e, em **m**, *quid illud in quibus dissentiunt num pro nobis probare possumus*, mais elaborado é o § 104, que soa assim na ed. Plasberg: *id cum ita sit, alterum placere ut numquam adsentiatur, alterum tenere ut sequens probabilitatem, ubicumque haec aut occurrat aut deficiat, aut “etiam” aut “non” respondere possit*, e, assim, transforma-se em **m**: *...ut sequatur probabilitatem, ubicumque haec occurrat aut deficiat, ut etiam respondere non possit/posset.*

⁶⁶ A sigla refere-se à edição de Veneza de 1494/96; os códices *deteriores* são mais bem detalhados pela edição de Davisius, 1725, *ad loc.*, p. 70-1, que lia *similiter* nos seus manuscritos indicados por Paris. 2 e Paris. 4, além de nosso manuscrito de Cambridge. Mas nenhum dos parisienses hoje consultáveis possui *similiter* (voltaremos a esta conjectura no fim deste §).

⁶⁷ Sobre o tema, refiro o sempre fundamental Ronconi, 1934 e Kaster, 2016 (cf. *infra* n. 86).

Entre os dois exemplares, o mais conhecido é certamente **Cant2**⁶⁸, datado de 1444 e já há tempos reconhecido como apógrafo tardio de um manuscrito que pertencera a William de Malmesbury (*circa* 1090-1143), monge conhecido por seus volumes sobre a história da Inglaterra bárbara e por suas incalculáveis leituras, dentre as quais grande espaço era dedicado às ciceronianas⁶⁹. Como ocorre amiúde com os fatos textuais que suscitam curiosidades distintas ao filólogo clássico e ao medievalista, as pesquisas sobre **Cant2** seguiram às vezes percursos independentes: os estudiosos do *Corpus Leidense* haviam assinalado, já no século XIX, a presença de uma *subscriptio* e de numerosas notas que remontavam a William, embora com ideias ainda vagas sobre a origem do manuscrito⁷⁰. Dentre as notas, uma em particular concerne ao *Luc.* e aos *Academicici*, e mostra que William, referindo passagens tanto do próêmio do *De divinatione* quanto de Santo Agostinho, tinha buscado reconstruir uma estrutura em quatro livros do tratado, chegando a uma personalíssima interpretação: o livro I era, para ele, constituído por aquele que hoje é, para nós, o *Varro* (cuja existência William conhecia, embora não o tivesse lido, por não ter encontrado nenhuma cópia na Grã-Bretanha); o livro II, do perdido *Catulus*, enquanto o *Luc.* teria composto os livros finais III

⁶⁸ Pergamenáceo, de ii + 309 fólhos, em duas colunas de 47 linhas, escritas por uma mão gótica caligráfica muito equilibrada e de fácil leitura, a que se devem também as frequentes notas marginais (nomes próprios, títulos recapitulativos, mas ainda mais elaboradas notas de comentário exegético e filosófico, como veremos). **Cant2** contém: *De senectute*, *De natura deorum*, *De divinatione*, *De fato*, extraídos dos livros V e VI do *De civitate Dei* de Santo Agostinho, relativos aos *Academicici libri* (92r-v); o *Luc.* (93r-111v); notas de comentários ao *Luc.* de William de Malmesbury (*ego Will'm' Malmesburgensis*, 112v, col. I) com retomadas do *De divinatione* e de Santo Agostinho (111v-112v), *Timaeus* e *Paradoxa*; seguem do fólio 123 13 discursos ciceronianos (para muitos dos quais **Cant2**, chamado *K* nos aparatos, desempenha um papel não secundário, cf. Reeve; Rouse, 1983, p. 80-1); as invectivas de Salústio *In Ciceronem* e do Pseudo-Cícero *In Sallustium*; *Philippicae*; *De officiis* e, enfim, as *Tusculanae*. Uma numeração mais antiga (para o *Luc.* 88r-106v, a única nota a AA.VV., 1867, p. 507) aparece em cima, à direita, riscada e substituída por uma mais correta. Deviam ser elementos de valor as iniciais minúsculas, que, porém, foram recortadas do pergaminho, com consequente perda de texto no *recto* e no *verso* dos fólhos 93 (*incipit* do “livro I”) e 101 (*incipit* do “livro II”, cf. *infra* nn. 71 e 80).

⁶⁹ Para a sua bibliografia, limito-me a referir Thomson, 2003, Malaspina, 2015, p. 33-5, e o recente Thomson, 2017, muito atentos também ao dado codicológico; sobre as suas leituras p. 40-75.

⁷⁰ Veja-se a edição do *De divinatione*, de Pease, 1920, p. 611, que retoma a mais longa nota de Reid, 1885, 66-68: «A subscription [no fim do manuscrito] reads: *per manus Theodorici Nycolai Werken de Abbenbroeck* (in S. Holland) *liber explicit anno domini 1444*. The writer was, then, a Hollander; but he seems to have written in England [afirmação hoje não mais sustentável, cf. *infra*]. The MS was given to the library by Archbishop Rotherham about four centuries ago. On the margin are many notes ascribed to Malmesbury (died ca. 1142), nearly all in the first person, so that it appears that this MS is derived from one annotated by William himself». Tais informações são retomadas rapidamente em Rouse; Rouse, 1978, p. 351, n. 53, e, então, em Hunt, 1998, p. 26; o nome de William de Malmesbury era já brevemente assinalado em AA.VV., 1867, p. 507-9. Recentemente, o manuscrito foi catalogado para as *Invectivae* por Novokhatko, 2002, p. 277, sem, porém, atribuir-lhe nenhum valor especial, tanto que, na sua edição sucessiva (Berlín-New York 2009), esse não é mais mencionado.

e IV da obra⁷¹ e, assim, como veremos em breve, o *Luc.* é efetivamente dividido em **m.** Refiro o passo que nos interessa⁷², com mais precisão do que Reid e Pease:

Hic lib' p(ri)m' achademicorum in anglia non iuenitur . Sed nec secundus in quo catulus pro achademicis disputans introducitur sicut ex multis que in hiis libris duobus proxime scriptis animadverti potest. Terci' | vero et quartus lib' achademicorum hii duo sunt qui p(ro)prie lucullus appellantur . quia ~~iunior~~⁷³ in uno introducitur lucullus contra achademicos disputans , in alt(er)o tullius ei pro achademicis respondet.

Independentemente, entre as duas guerras, **Cant2** começou também a interessar aos estudiosos de William de Malmesbury e a ser examinado no seu conjunto do ponto de vista paleográfico: ponto de partida é a monografia de James, 1931, p. 21, mas dados seguros sobre o lugar de composição e sobre a comissão (William Gray, bispo de Ely 1454-78) chegaram apenas vinte anos depois, graças a R.A.B. Mynors:

MS. Dd. 13. 2 in the University Library is a big and rather handsome folio, containing the philosophical works of Cicero and some of his speeches, to which M. R. James has already drawn attention as descended in part⁷⁴ from a Cicero-manuscript put together by our great twelfth-century historian William of Malmesbury. It is in a good Dutch or German hand [...]; the nature of its contents leaves little doubt that it was written in the Rhineland; and at the end is *Per manus theoderici nycolai Werken de Abbenbroeck explicit anno Domini MCCCC44 alias 1444*. An erased inscription on the flyleaf tells us that the book was given to Balliol College, Oxford, by William Gray bishop of Ely (1454-78), and this fits in very well, for we know that Gray, a man of noble family who was a great collector of books, had matriculated at the University of Cologne in December 1442, and this Cicero might well have been written in Cologne and to his order. And if we turn to the large section of Gray's library

⁷¹ Se William tivesse podido ler também as cartas a Ático, teria descoberto a existência das duas versões do tratado; na ausência de tais informações, sua reconstrução é mais que plausível: «William reached this conclusion by analysing *Div* II 1,1, without the assistance of the letters *Ad Atticum*, and thus pre-empted the observation of Petrarch, made two centuries later after a period of considerable confusion about the identity of the *Academicus Primus*, as manifested by the manuscript tradition» (Hunt, 1998, p. 26).

⁷² Citado amiúde sem especificar a sua exata localização em **Cant2**, que é 111v col. II – 112r col. I, cf. *supra* n. 70 e Hunt, 1998, p. 26, n. 30. É de se notar que o mesmo conceito já havia sido expresso, em uma forma mais reduzida e com palavras diversas, já no início do *Luc.*, em uma longa nota na margem interna da coluna I de 93r; todavia, *incipit* e *explicit* do *Luc.* referem as indicações *liber primus* e *secundus*, não *tertius* e *quartus*, cf. *infra* n. 80.

⁷³ Devo a Michael Reeve a exata leitura autóptica desta palavra eliminada, que é entendida como primeira tentativa de leitura, logo corrigida por *in uno* que segue. Em **Bert**, fólio 197r, lê-se *minio* no lugar de *quia ... uno*; a única outra diferença é a omissão de *ei* após *tullius*.

⁷⁴ A respeito deste *in part* voltaremos *infra* n. 88.

still preserved at Balliol College, we find other work from the same hand⁷⁵.

Há alguns anos, a rica monografia de R.M. Thomson reconstruiu finalmente a justa profundidade, psicológica bem como histórica, da atividade cultural de William de Malmesbury, atentando à sua constante e sistemática atividade de comentador dos clássicos⁷⁶, que vemos refletir-se em **Cant2** nas margens, no início e no fim do *Luc*⁷⁷. O seu conhecimento sobre Cícero é testemunhado não só pelos códices a ele atribuíveis, mas também pela presença de citações ciceronianas nas suas obras históricas: além dos diálogos e dos discursos presentes em **Cant2**, William aparenta ter conhecido alguns dos tratados retóricos e, talvez, o *De legibus*⁷⁸.

No que diz respeito a essa coleção de informações, **Bert**⁷⁹ parece ter sido

⁷⁵ Mynors, 1950, p. 98, retomado por Reeve; Rouse, 1983, p. 81.

⁷⁶ A partir de «the short, bio-bibliographical preface giving information about the author and the historical context of each work. [...] Sometimes, too, William provided tables of contents» (Thomson, 2003, p. 36).

⁷⁷ Mas o *Luc*. não é o único tratado de **Cant2** ao qual William reserva notas de comentário: os passos mais significativos são referidos em Thomson, 2003, p. 51-3. Quanto aos *marginalia*, esses frequentemente referem, de maneira abreviada, notícias presentes nas mais desenvolvidas introduções de William (cf. *supra* n. 72); outras vezes, no entanto, faz-me notar Michael Reeve *per litteras*, há referências a personagens ativos na segunda metade do século XII, como Ricardo de San Vitor († 1173, f. 313v, em relação às *Tusculanae*), Averroës († 1198), a Regra de São Francisco e outros mais, que deixam aberta a hipótese de que a atividade de glosa sobre o antígrafo de **Cant2** foi continuada ainda algum tempo após a morte de William (cf. também James, 1931, p. 23-5, que provavelmente exagera ao falar de citações de autores «as late as the fourteenth century»).

⁷⁸ Assim Thomson, 2003, p. 55, com referência a *Gesta regum Anglorum* 374, 1; o mesmo assinala-me *per litteras* também a descoberta feita por Michael Winterbottom do partitivo *operis ac muneris*, *hapax* ciceroniano de *leg. II*, 6, que volta em um contexto sintático quase idêntico no *Liber de Miraculis S. Mariae*, 24, 4. Embora Schmidt, 1974, no seu atentíssimo exame do *Fortleben* medieval desse tratado, não nomeie jamais William de Malmesbury, manuscritos do *De legibus* de antígrafo francês, escritos na Inglaterra e descendentes de **V**, estavam presentes na ilha e justamente no século XII, segundo o próprio Schmidt (cf. *infra* n. 92).

⁷⁹ Cartáceo (295 x 215 mm), de 295 fólios, **Bert** é posterior a **Cant2** ao menos um decênio: além da genérica fórmula “XV sec.” que se encontra nos catálogos, devo a R. Cordonnier um exame das filigranas, que permitiu identificar uma «Lettre P gothique simple, à long jambage bifurqué, surmontée d’un fleuron à quatre feuilles», correspondente aos nn° Briquet 8591 (Colmar 1452) e 8606 (Troyes 1470). Escrito por uma única mão em uma gótica cursiva de traço espesso e plena de abreviaturas (definida «absolutely typical Low Countries of the period» por Rodney Thomson, *per litteras*), **Bert** é de leitura difícil, em uma única coluna, com espelho de escrita muito amplo e margens sem notas, sem elementos de valor, afora as iniciais de capítulo acrescentadas em vermelho (com letrina) e as maiúsculas retocadas e reavivadas, sempre coloridas. Contém *Tusculanae* (precedidas pela mesma citação do comentário de Gerolamo à carta paulina *Ad Galatas*, que se encontra em **Cant2**, antes de *Tusc.*, cf. Thomson, 2003, p. 53), *De natura deorum*, *De divinatione*, *De fato*, *Luc*. (171v-196v), precedido pelos mesmos *excerpta* do *De civitate Dei* de Santo Agostinho (171r-171v) e seguido pelo mesmo comentário em primeira pessoa de William (196v-197v, cf. *supra* n. 72), *Timaeus*, *Philippicae* e, enfim, o *Asclepius* do pseudo-Apuleio (com o título *Hermis Trismegisti Helera ad Asclepium allocuta, seu Asclepias de natura Deorum*). Da história de **Bert** conhece-se somente a proveniência da abadia de Saint-Bertin, próxima a Saint-Omer (Pas-de-Calais), testemunhada pela indicação “616” no canto

até agora esquecido, tanto pelos filólogos atentos ao *Corpus Leidense* quanto pelos medievalistas e pelos paleógrafos, não tendo sido objeto de nenhum estudo específico: se um mérito e uma função estas páginas têm, penso que poderiam ser os de sinalizar à comunidade científica e aos especialistas de William de Malmesbury em primeiro lugar a existência de um códice gêmeo do conhecido **Cant2**, à espera, como se dizia, de uma investigação adequada.

Além das coincidências textuais reunidas *supra* n° 8, **Bert** e **Cant2** compartilham de um fator de *mise en page* absolutamente único: o texto do *Luc.*, de fato, já constituído em dois livros como consequência da interpretação dos *Academici libri*, elaborada por William e supracitada, é ulteriormente subdividido em capítulos numerados (com algarismos quase sempre arábicos) de modo progressivo, mesmo que nem sempre idêntico nos dois códices. Um tal traço de modernidade e de independência, que não se limita ao *Luc.*, mas se estende às outras obras filosóficas, não tem, até onde sei, paralelos na história manuscrita de Cícero, até antes das primeiras edições impressas⁸⁰.

superior esquerdo do fólio 1r. Extremamente útil nesse sentido seria examinar as obras de **Bert** estranhas ao *Corpus Leidense* e, em particular, as *Philippicae*, cujo texto em **Cant2** foi já há um tempo identificado como paralelo ao de Bruxelas, Bibliothèque Royale, 14492, datado do fim do século XIV e início do XV (cf. Reeve; Rouse, 1983, p. 77). Esse manuscrito (indicado por π no aparato OCT de A.C. Clark e em Reeve; Rouse, 1983; P, por sua vez, naquele de Cambridge de D.H. Berry para o *Pro Sulla*) é, a despeito disso, importante também para outros discursos ciceronianos (cf. Reeve; Rouse, 1983, p. 59; 81; Reeve, 1997, p. 334-5).

⁸⁰ William decide colocar a subdivisão entre os dois livros do *Luc.*, no fim do capítulo 63 (*Lucull' . liber 2' incipit Bert Marcus . Tullius . Cicero . / Lucullus . liber primus explicit' . / Incipit secundus Cant2*), diversamente de manuscritos como **Bon** e **Yal**, que colocam a passagem no fim do § 62, falando, porém, de livro III e IV (cf. *supra* n. 72). Em **Bert**, a numeração concerne a todos os tratados filosóficos presentes (cf. n. prec.), não às *Philippicae* nem ao texto pseudo-apuleiano final. Apresento em seguida a subdivisão dos capítulos do *Luc.*, seguindo **Cant2** para a grafia (os capítulos sublinhados coincidem com o *incipit* dos §§ nas edições modernas): **Cant2** possui 1. talvez no início do *Luc.*, mas a parte correspondente foi subtraída (f. 93, cf. *supra* n. 68); 2 § 4 *sed quae*; 3 § 5 *ac vereor*; 4 § 7 *restat unum*; 5 § 9 *quibus de rebus*; 6 § 10 *tum ille*; 7 § 10 *cum ita*; 8 § 13 *quae cum*; 9 § 14 *similiter*; 10 § 16 *sed fuerint*; 11 § 17 *sed quod nos*; 12 § 18 *Philo autem*; 13 § 19 *ordiamur*; 14 § 22 *quod si essent*; 15 § 23 *maxime vero*; 16 § 24 *atque etiam*; 17 § 26 *tamen ne*; 18 § 27 *ipsa autem*; 19 § 28 *ex hoc*; 20 § 29 *sed de inconstantia*; 21 § 31 *ad rerum*; 22 § 32 *cum his igitur*; 23 § 35 *ex hoc*; 24 § 36 *sed de perceptione*; 25 § 40 *nunc ea*; 26 § 41 *quae autem*; 27 § 43 *hanc ego*; 28 § 44 *ergo si rebus*; 29 § 45 *sed*; 30 § 47 *primum conantur*; 31 § 49 *ad has*; 32 § 49 *huc si*; 33 § 50 *at si*; 34 § 52 *sed id omittamus*; 35 § 53 *sed ex hoc*; 36 § 55 *deinde*; 37 § 56 *primum*; 38 § 59 *illud*; 39 § 60 *restat*; 40 § 61 *haec*; 41 § 62 *quae cum dixisset*; 42 § 63 *tum mihi*. **Bert** não possui nenhum sinal no início do tratado e põe o capítulo 1 no § 4 (*sed quae*), com a consequência de que os capítulos sucessivos correspondem exatamente àqueles de **Cant2**, mas com um número a menos, até 41 § 63 *tum mihi* (voltarei a esta particularidade crucial *infra* n. 98). Para o livro II, **Bert** e **Cant2** possuem 1 § 64 *me Catule* (deixando poucas linhas iniciais, *haec cum ... exorsus*, sem indicação de capítulo); 2 § 66 *sed non de me*; 3 § 67 *hanc conclusionem*; 4 § 69 *sed*; 5 § 71 *sed ex hoc cum eo*; 6 § 74 *furere*; 7 § 76 *quid*; 8 § 76 *satis multa*; 9 § 78 *set id omittamus*; 10 § 80 *si inquis*; 11 § 82 *set ab hoc credulo*; 12 § 84 *qui*; 13 § 85 *stoicum est*; 14 § 86 *tam illa preclara*; 15 § 87 *sed ut ad*; 16 § 89 *quid*; 17 § 90 *omnia autem*; 18 § 91 *sed*; 19 § 92 *quid ergo*; 20 § 94 *nichil*; 21 § 95 *quid*; 22 § 96 *hec crispipaea*; 23 § 97 *cum hoc igitur*;

A partir de todos esses dados, podemos chegar à conclusão de que o *Luc.* de **m**, do qual **Bert** e **Cant2** são cópias independentes (cf. *supra* n° 9), era propriamente uma verdadeira “edição crítica com comentário”, elaborada no século XII por William de Malmesbury a partir de **V** ou de uma cópia dele (n° 1), que chamaremos **w**, de qualquer modo diversa de **v** (n° 2). Essa era caracterizada por intervenções textuais invasivas (n° 8), por uma subdivisão explícita em *capitula*, por introdução e posfácio com referência a outros textos, ciceronianos e não ciceronianos, enfim, por notas marginais de comentário, talvez continuados por sua escola. Tal quadro, seguramente excepcional para o século XII, parece, no entanto, encontrar apoio na reconstrução que R.M. Thomson oferece da atividade de William, sempre muito atento ao estilo⁸¹, cercado por uma *équipe* de escribas especialistas, que respondiam às suas ordens, e pronto para a intervenção edótica e filológica⁸²; sobretudo, «William was concerned to provide good texts. A detailed study of this endeavour would prove rewarding. [...] it has been frequently noted that William was wont to correct his exemplar, usually unauthoritatively but always intelligently»⁸³.

Um passo à frente fundamental foi dado recentemente por Robert Kaster, que identificou provas de leitura seguras por parte de William também das *Vidas* suetonianas⁸⁴. Nessa tradição, o estudioso identificou dois manuscritos gêmeos⁸⁵ (como **Bert** e **Cant2**), com sinais evidentes de uma invasiva atividade conjectural. Essa foi examinada pelo estudioso segundo duas principais modalidades de intervenção, a saber, a modificação do *ordo verborum* em obediência a rígidos paradigmas de sucessão gramatical⁸⁶ ou «changes that can only strike the modern

24 § 98 *set ut omnes*; 25 § 99 *duo*; 26 § 100 *huiusmodi igitur*; 27 § 101 *neque nos contra*; 28 § 102 *explicavi*; 29 § 102 *scriptum est igitur ita*; 30 § 104 *quae*; 31 § 105 *hec*; 32 § 106 *unde*. **Bert** omite esse capítulo e continua do sucessivo com um número a menos, de 32 § 106 a 63 § 148, sempre, contudo, respeitando a localização de **Cant2**. Seguindo esse último, temos 33 § 106 *et iam si comprehensio*; 34 § 108 *alterum*; 35 § 109 *et tamen illud*; 36 § 111 *ne illa*; 37 § 112 *nunc quid facere*; 38 § 114 *que tandem*; 39 § 115 *non me quidem*; 40 § 117 *quod*; 41 § 118 *princeps*; 42 § 118 *ex hiis eliget*; 43 § 119 *michi ne ut*; 44 § 121 *negas*; 45 § 121 *nec stratonis*; 46 § 124 *set*; 47 § 125 *sin*; 48 § 126 *non*; 49 § 126 *ergo credere dubium*; 50 § 128 *veniamus*; 51 § 129 *sed*; 52 § 130 *has ergo tot*; 53 § 132 *ad vos nunc*; 54 § 133 *precide*; 55 § 135 *quid*; 56 § 136 *illa vero ferre*; 57 § 137 *hec*; 58 § 138 *testatur*; 59 § 139 *laboro ut*; 60 § 141 *nihil*; 61 § 142 *venio*; 62 § 144 *deinde ad illam*; 63 § 147 *verum*; 64 § 148 *tum*. Registro, enfim, ainda o fato que o início retardado da numeração, se para o *Luc.* marca uma distinção entre os dois códices, torna-se um fator partilhado nos outros tratados: as *Tusculanae* trazem, de fato, seja em **Bert** seja em **Cant2**, o *capitulum primum* no § 9 (*malum mihi videtur*), o *De fato* no § 3 (*Quibus acceptis Quid ergo*).

⁸¹ Thomson, 2003, p. 21.

⁸² Thomson, 2003, p. 24 recorda «his ability to deploy his wonderful knowledge of his texts to critical advantage».

⁸³ Thomson, 2003, p. 35, em referência a Iordanes, aos *Sermões* de Leão Magno e a Tertuliano.

⁸⁴ Kaster, 2016.

⁸⁵ London, British Library, Royal 15 C.iv, do século XIII, e Oxford, Bodleian Library, Lat.class. d.39 do terceiro quarto do século XII.

⁸⁶ Kaster identifica três deles em particular, que encontram alguma confirmação em alguns dos casos de **Bert** e **Cant2** assinalados *supra*, no n° 8, o que demonstra quanto é necessário um exame

eye as willful tampering». Sobretudo essas últimas justificam a conclusão segundo a qual «the most prodigiously fertile corrector that the text of Suetonius has known was also its most willful and aggressive reader»⁸⁷.

Restam ainda a serem discutidos dois problemas estreitamente conexos, a respeito dos quais, todavia, no estado atual das pesquisas, só posso apresentar respostas provisórias: as características de **w** e a origem de **Bert** e **Cant2**. Dado por certo o caráter unitário de **Cant2**⁸⁸, concentremo-nos no *Corpus Leidense*. Embora a atividade de William fosse desenvolvida quase que integralmente na Grã-Bretanha, menções de suas viagens à França tornaram-se conhecidas recentemente, mas dois elementos tornam improváveis que, durante uma delas, ele tivesse tido contato diretamente com **V**⁸⁹. O primeiro é o fato que o conteúdo de **m** é reduzido e ligeiramente variado se comparado ao de **V**:

V	nat.	<u>Tim.</u>	div. fat.	<u>par.</u>	Luc.	(leg.)
Bert	nat.		div. fat.		Luc. <u>Tim.</u>	
Cant2	nat.		div. fat.		Luc. <u>Tim.</u>	<u>par.</u>

enquanto dificilmente um leitor voraz como William teria excluído da sua cópia um texto fascinante como o *De legibus*⁹⁰. Em segundo lugar, foi o próprio William que escreveu, como recordar-se-á, *hic liber primus Achademicorum in Anglia non invenitur*, frase da qual creio ser legítimo deduzir que tudo o que William

sistemático também sob esse aspecto: «adjectival information with a merely attributive meaning is made to follow the noun it modifies» (como no § 4 *Graecis litteris ov litteris grecis m*); «adverbial information is made to precede the word or phrase it modifies»; «words that “go together” are made to stand together, and instances of hyperbaton are eliminated» (Kaster, 2016, p. 127).

⁸⁷ Kaster, 2016, p. 130 (cf. Malaspina, 2015, p. 35-6).

⁸⁸ É a tese mais recente (Thomson, 2003, p. 55, citado *infra* n. 96), segundo a qual tudo do manuscrito deriva da atividade de William, cujo peritexto exegético acompanha também os discursos presentes. Anteriormente, tanto James, 1931, quanto Mynors, 1950, ou Reeve; Rouse, 1983, p. 59, julgaram mais prudente considerar os discursos dependentes de uma tradição diversa: «A Cicero-corpus deriving from the English renaissance in the twelfth century and a group of his speeches which had been among the most distinguished discoveries of the Italian renaissance in the fourteenth» (Mynors, 1950, p. 98 e *supra* n. 75).

⁸⁹ Sobre a presença de William na França, cf. o comentário aos *Gesta regum Anglorum* (Thomson; Winterbottom, 1999), p. 170, 232, que me foi indicado por Michael Reeve; anteriormente, a *vulgata opinio* era que «William never travelled abroad» (Reeve; Rouse, 1983, p. 81). De **V** ignoramos a localização exata no período do século IX até o seu reaparecimento em Anvers, no século XV (cf. Rouse, 1983, p. 126, e *supra* n. 32).

⁹⁰ Recordo que o desprendimento do *De legibus* de **V** (cf. *supra* § 3.) foi causado pelo destaque dos últimos cadernos e provocou também a perda de 1/3 do *Luc.*, enquanto, em **m**, não se nota nenhuma solução de continuidade no § 104 do *Luc.* nem diferença alguma na parte hoje faltante em **V**. Tal dado de fato torna igualmente improvável também a hipótese inversa, isto é, aquela de uma peregrinação temporária de **V** na Inglaterra. Como se disse (cf. *supra* n. 78), parece que William conhecia o texto do *De legibus*, mesmo se não possuímos manuscritos a ele referentes dentre aqueles em nosso domínio.

havia lido *invenitur in Anglia*, ou seja, dito de outra maneira, que as suas fontes manuscritas – e, portanto, também **w** – eram exclusivamente inglesas. Portanto, resta apenas imaginar que, sobre **V/V²**, tivesse sido copiada⁹¹ uma segunda cópia **w**, distinta de **v**, sem o *De legibus*, e que essa tivesse chegado à Inglaterra antes do século XII, permitindo, assim, que William a partir dela produzisse **m**. A ausência do *De legibus* em **w** não constitui um problema: comparados ao grande formato do *Corpus Leidense*, de fato, os códices dos séculos X-XII, conservados ou reconstruíveis, mostram uma tendência a constituírem-se em grupos mais simples. Dos oito tratados iniciais do *Corpus*, passa-se, de fato, aos cinco ou seis de **m** e aos três de **N**, mesmo que seja irrealista tentar compreender as razões que levaram, a cada vez, às inclusões e às exclusões⁹². Somente a partir do século XIII e em plena idade humanística o desejo de encerrar os *opera omnia* ciceronianos em um só volume levou a mudar a tendência e a reunir manuscritos-*monstrum* com dezenas e dezenas de *item*, de que **Cant2** é um exemplo não desprezável.

Chegamos, assim, ao segundo problema, que é um corolário do primeiro: a única crítica que também R.M. Thomson faz à atividade de William é a de não ter sabido dar-lhe continuidade após a sua morte, constituindo uma escola de modo a sobreviver também ao desaparecimento de sua liderança carismática. Neste sentido, não há traços de uma continuação de sua atividade edótica e exegética⁹³, como confirma, em relação ao *Luc.*, a descendência muito reduzida de **m**, se comparada a **v**. Neste quadro, como é possível que **m** se encontrasse no século XV não só em Saint-Bertin⁹⁴, mas logo em Colônia, onde foi copiado **Cant2**⁹⁵? A resposta mais econômica para este último manuscrito foi dada por R.H. Rouse e M.D. Reeve, seguidos por R.M. Thomson: o bispo Gray teria partido da Inglaterra levando consigo – por algum motivo desconhecido – **m** (que imaginamos ter sido descoberto

⁹¹ Também essa já no século IX? Cf. *supra* § 4.1.

⁹² Cf. *supra* n. 30, e Schmidt, 1974, p. 162 («eine plausible Erklärung scheint schwer zu finden zu sein»). Schmidt, 1974, p. 169, identifica, sempre no século XII, um ulterior descendente de **V** (que chama *v'*, p. 173), reduzido a quatro *item* porque contém o *De legibus*, mas não *Timaeus*, *Paradoxa* e *Luc.*: «Wir hatten oben die Handschrift P in der Bretagne zu lokalisieren versucht, einem Gebiet, das im 12. Jh. mit den westlichen und nordwestlichen Teilen Frankreichs zusammen mit England derselben Dynastie unterstand. Bei der entsprechend engen Verflechtung französischer und englischer Kultur darf mit großer Wahrscheinlichkeit vermutet werden, daß die De-legibus-Exemplare, die in einigen wichtigeren Bibliotheken des mittelalterlichen England anzutreffen sind, aus Frankreich importiert oder von französischen Vorlagen kopiert worden sind» (Schmidt, 1974, p. 224, itálico meu). Ora, Schmidt fazia tal afirmação a propósito do antigrafo do *Fabricianus*, isto é, *p*, que já conhecemos (cf. *supra* nn. 18 e 55) e que descende de **V** por meio do citado *v'*, mas essa afirmação poderia ser repetida também para William de Malmesbury e o códice **m** do *Luc.* De resto, no *Regius*, proveniente pelo *De legibus* sempre por *p-v'* (cf. ainda n. 55), *Luc.*, *Timaeus* e *Paradoxa* foram reintegrados (Schmidt, 1974, p. 225), evidentemente trazendo o texto de uma tradição diversa. *Videant doctores*.

⁹³ Além do enriquecimento das notas marginais em **Cant2** (cf. *supra* n. 77).

⁹⁴ Pas-de-Calais permaneceu território inglês até o ano 1559 (cf. *supra* n. 92).

⁹⁵ Cf. *supra* n. 75.

dentre os legados de William de Malmesbury em alguma abadia insular) junto com outros códices, e teria usufruído do conhecimento do copista Werken, que conhecera em Colônia, para confiar-lhe a cópia de **Cant2** a partir de **m**⁹⁶.

Com a descoberta de **Bert**, essa hipótese demonstra-se, no entanto, inadequada, pois ainda não explica como **m** teria encontrado seu caminho de Colônia para Pas-de-Calais entre os anos 1444 e 1470⁹⁷: tal incerteza exorta à prudência e torna ainda mais necessário um exame sistemático dos dois manuscritos, como já se disse. Gostaria, contudo, de propor uma interpretação que peço seja considerada como meramente hipotética no estado atual: todos os problemas de sobreposição geográfica seriam resolvidos se postulássemos que **Bert** e **Cant2** derivam de dois autógrafos diversos, duas cópias distintas do trabalho de William (que podemos chamar **m** e **m'**), uma sepultada em Saint-Bertin, a outra exumada por Gray na Inglaterra, testemunhos de duas fases diversas do trabalho exegético. Pequenos elementos codicológicos permitem-me considerar a hipótese não completamente infundada, ficando seguro de que ela poderá ser confirmada ou desmentida apenas com um estudo não restrito ao *Luc.*: em primeiro lugar, a correção *similiter* do § 14, exclusiva de **Cant2**, parece pressupor um autógrafo em que a atividade conjectural de William tivesse dado algum passo à frente, se comparado ao estágio representado por **Bert**; e que esse códice se refira a uma fase menos avançada dos trabalhos parece-me subentendido, sobretudo, pelas estranhas omissões de **Bert** ao referir os números de capítulo de William para o *Luc.* e por outras diferenças de *mise en page* entre os dois códices⁹⁸.

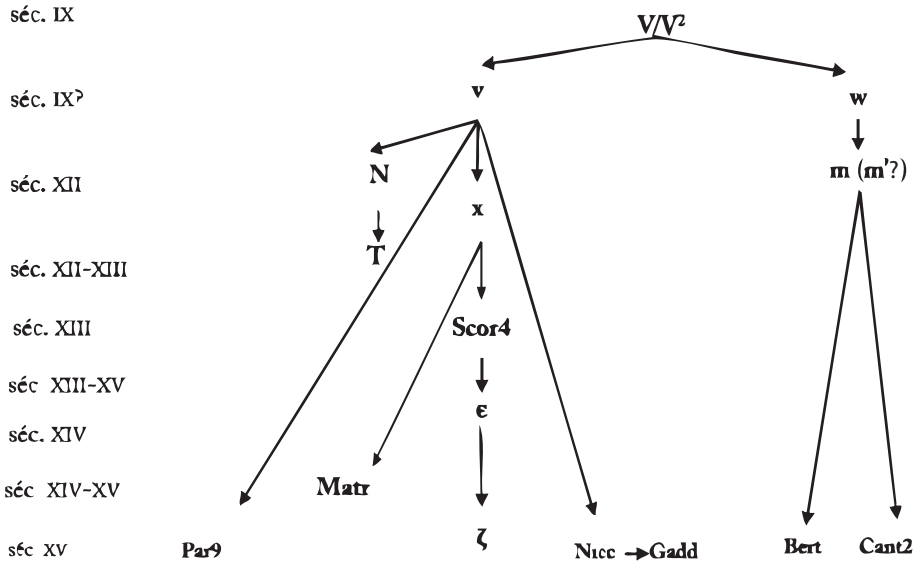
6. STEMMA CODICUM

⁹⁶ «If the annotation was done in England, as seems most likely, then it means that Gray brought all the exemplars [compreendidos os autógrafos de Oxford, Balliol College, 79 e 125] with him to Cologne. On this basis I am inclined, though tentatively, to accept the whole of the Cicero-collection in CUL Dd. 13. 2. as William's» (Thomson, 2003, p. 55; cf. também Reeve; Rouse, 1983, p. 81). Gray estava em viagem pela Itália e, segundo uma convincente proposta de R.A.B. Mynors, teria deixado Colônia levando consigo não só **Cant2**, mas também Werken, que, aproximadamente no ano 1450, se separou dele para voltar à Inglaterra a serviço de um amigo de Gray, Richard Bole (Mynors, 1950, p. 99-101).

⁹⁷ Se **m** permaneceu em posse de Gray, por que ele solicitou uma segunda cópia desse (reduzida e menos elegante que a primeira) para, depois, deixá-la em Saint-Bertin? (Gray voltou de Roma à Inglaterra quando foi nomeado bispo de Ely no ano 1454). E como pensar que Gray se pudesse separar de um cemélio de William de Malmesbury como **m**, que levava consigo em viagem da Inglaterra? E mesmo se tivesse sido assim, como explicar a chegada de **m** à região de Pas-de-Calais?

⁹⁸ É como se, em outras palavras, **Cant2** refletisse a versão definitiva e oficial do trabalho de William, que compreende os *Paradoxa*, ausentes em **Bert**, das conjecturas mais atualizadas e de uma numeração de capítulo regularizada e generalizada. Já dissemos, de fato, que a numeração do *Luc.* não parte, em **Bert**, do início, como em **Cant2**, mas exclui sem um claro motivo o equivalente a algum § moderno (cf. *supra* n. 80, também para o início retardado da numeração no “segundo” livro do *Luc.*). Outra peculiaridade é que as *Philippicae* de **Bert** não possuem numeração, diferentemente de todos os discursos de **Cant2** (agradeço a Michael Reeve o exame autóptico). Também a ausência de *marginalia* em **Bert** poderia referir uma diferença de autógrafo, se não se tratou de uma escolha redacional consciente do copista.

Tudo isso leva-nos ao seguinte esboço de estema para a família de **V**:



7. CONCLUSÕES

Enquanto a reconstrução estemática da família de **F** não tem nenhuma incidência sobre a constituição do texto de *Luc.*, limitando-se a ser uma necessária contribuição para a história da tradição e uma ocasião para especificar melhor a atribuição de variantes e conjecturas, seria justo dizer o mesmo para a descendência de **V** se um terço do tratado desse manuscrito não tivesse sido perdido. Construir o estema dos descendentes de **V/V²⁹⁹** importa para a edição crítica do *Luc.* porque permite aos §§ 104-48 substituir a referência imprecisa apenas em **N**¹⁰⁰, amparando-se nas lições de duas classes distintas: uma, **m**, representada por **Bert** e **Cant2**, sistematicamente interpolada por William de Malmesbury e, portanto, tendencialmente menos fidedigna; outra, **v**, constituída por 33 testemunhos e, ao menos na origem, menos contaminada e corrompida. Pelo princípio da *eliminatio codicum descriptorum*, podemos reconstruir **v** com base apenas nas lições de **N Scor4 Matr Nicc Par9**¹⁰¹.

Quanto à história da tradição, a pesquisa aqui desenvolvida permitiu, de

⁹⁹ Sobre **V¹**, cf. *supra* n. 9.

¹⁰⁰ Cf. *supra* nn. 31 e 33.

¹⁰¹ Para dar um único exemplo, § 109 *in navigando* **BAS** *et in navigando* **vm** permite-nos demonstrar que o acréscimo de *et* se encontrava, sim, em **V**, mas somente como interpolação de **V²**.

um lado, “descobrir” **Bert**, cuja natureza de gêmeo do mais conhecido **Cant2** se ignorava, e colocar, portanto, um pouco de luz sobre as especificidades de **m**, que requereriam, de qualquer modo, um suplemento de pesquisa; de outro, precisar a gênese do *Luc.* em muitos manuscritos, colocando em evidência as claras diferenças em relação à reconstrução feita por P.L. Schmidt para o *De legibus*, cujo ramo *p* corre paralelo, em sentido cronológico e geográfico, a **m** e, sobretudo, a **v**, amiúde entrecortando-se e muito raramente sobrepondo-se perfeitamente, como ocorre no caso da descendência de **Gadd**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I. *Sigla codicum*¹⁰²

A	Leiden, Bibliotheek der Rijksuniversiteit, Voss. lat. F 84
B	Leiden, Bibliotheek der Rijksuniversiteit, Voss. lat. F 86
F	Firenze, Biblioteca Medicea Laurenziana, S. Marco 257
H	Leiden, Bibliotheek der Rijksuniversiteit, B.P.L. 118
N	Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 17812
S	El Escorial, Real Biblioteca de San Lorenzo, R.I.2
T	Tours, Bibliothèque municipale, 688
V	Wien, Österreichische Nationalbibliothek, 189
Ball	Oxford, Balliol College, 248 D
Bert	Saint-Omer, Bibliothèque Municipale, 652
Bon	Bologna, Biblioteca universitaria, 2228 (lat. 1096)
Cant2	Cambridge, University Library, Dd.XIII.2
Cas	Roma, Biblioteca Casanatense, 868
Chis	Città del Vaticano, B.A.V., Chigi H. V. 147
Chris	London, Christie's 25.6.1986, lot 212
Corv	New York, Pierpont Morgan Library, M 497
Dresd1	Dresden, Sächsische Landesbibliothek, Dc 106
Fes	Firenze, Biblioteca Medicea Laurenziana, Fiesole 188
Gadd	Firenze, Biblioteca Medicea Laurenziana, ex Gaddi, Plut. 90 sup. 78
Glas	Glasgow, University Library, Hunterian Museum T.2.14 (56)
Gud	Wolfenbüttel, Herzog-August-Bibliothek, Gud. lat. 2 (4306)
Harl	London, British Library, Harley 6327
Laur3	Firenze, Biblioteca Medicea Laurenziana, Plut. 83, 7
Linc	Oxford, Lincoln College, 38
Lond	London, private collection of Nicholas Barker
Magl	Firenze, Biblioteca Nazionale, Magl. XXIX, 199
Matr	Madrid, Biblioteca Nacional, 7813 (V 227)
Mon2	München, Bayerische Staatsbibliothek, clm 15958
Mon3	München, Bayerische Staatsbibliothek, clm 30019
Neap	Napoli, Biblioteca Nazionale, ex Vienna lat. 57
Neap2	Napoli, Biblioteca Nazionale, ex Vienna lat. 43
Nicc	Firenze, Biblioteca Medicea Laurenziana, S. Marco 272
Ott	Città del Vaticano, B.A.V., Ottobon. lat. 1478

¹⁰² São referidas apenas os *sigla* dos códices citados no presente artigo. Para o elenco completo, cf. *supra* n. 18.

Par	Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 6283
Par3	Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 6597
Par4	Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 17154
Par5	Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 7784
Par6	Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 9320
Par7	Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 6374
Par8	Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 6375
Par9	Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 14752
Parm	Parma, Biblioteca Palatina, Parmense 1987
Pat	Padova, Biblioteca del Seminario Vescovile, ms. XXIV
Reg	Città del Vaticano, B.A.V., Reg. lat. 1481
Schl	Schlägl, Prämonstratense Stiftsbibliothek, Cpl. 106. [454.b].58
Scor4	El Escorial, Real Biblioteca de San Lorenzo, V.III.6
Trec	Troyes, Bibliothèque Municipale, 552
Vat4	Città del Vaticano, B.A.V., Vat. lat. 3245
Yal	New Haven, Yale University, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, 284
ϵ	consensus codicum (Scor4) Gud Magl Par Par4 Par5 Par6 Par7 Schl Trec
ζ	consensus codicum Glas Harl Mon2 Neap Neap2 Ott Par8 Parm Pat
m	fons communis codicum Bert Cant2
m'	alter fons (?) codicum Bert Cant2
v	fons communis codicum NT Nicc Par9 $\chi\epsilon\zeta$
w	fons sive antigraphon codicis m
x	fons communis codicum Matr et Scor4
ω	consensus codicum BAV(S) sive archetypus lectio

II. FONTES

II.1. EDIÇÕES DOS *ACADEMICI/LUCULLUS*

- M. TULLIUS CICERO. Scripta philosophica. Conradus Sweynheym Arnoldus Pannartzque. Romae 1471 [*editio princeps*].
- M. TULLII CICERONIS Opera Omnia Quae Exstant. A Dionysio Lambino Monstroliensis emendata. Parisiis 1566. Tomus quartus Lutetiae 1565, p. 10-39; 485-6.
- M. TULLII CICERONIS Academica. Recensuit, variorum notis suas immiscuit, et Hadr. Turnebi Petrique Fabri Commentarios adjunxit J. Davisius. Cantabrigiae 1725.

- M. TULLI CICERONIS *Academica*. The text revised and explained by J. S. Reid. London 1874¹ 1885².
- M. TULLI CICERONIS *Paradoxa Stoicorum, Academicorum reliquiae cum Lucullo, Timaeus, De natura deorum, De divinatione, De fato*. Fasc. I (*par. Ac. Luc. Tim.*) edidit O. Plasberg. Lipsiae 1908.
- M. TULLI CICERONIS *Academicorum reliquiae cum Lucullo*. Rec. O. Plasberg. Lipsiae 1922 [= Stutgardiae 1980. 1996].
- CICERO. *De natura deorum, Academica*. With an English translation by H. S. Rackham. Cambridge-London 1967.
- CICERO. *Hortensius, Lucullus, Academici libri*. Lat.-dt., hrsg., übers. und komm. von L. Straume-Zimmermann, F. Broemser und O. Gigon. München 1990.
- CICERONE. *Libri academici*. Scelta di passi con traduzione italiana a cura di E. Riganti. Bologna 1994.
- HALTENHOFF, A. *Kritik der akademischen Skepsis: ein Kommentar zu Cicero, Lucullus 1-62*. «Studien zur alten Philologie». Frankfurt a.M. 1998.
- CICERO. *Akademische Abhandlungen. Lucullus*. Lateinisch-deutsch, Text und Übersetzung von C. Schäublin, mit einer Einleitung von A. Graeser und C. Schäublin und Anmerkungen von A. Bächli und A. Graeser. Hamburg 1998.
- CICERO. *On Academic Scepticism*. Translated, with Introduction and Notes, by C. Brittain. Indianapolis Cambridge 2006.
- CICÉRON. *Les Académiques. Academica*. Traduction, notes et bibliographie par J. Kany-Turpin. Introduction par P. Pellegrin. Paris 2010.

II.2. OUTRAS EDIÇÕES SIGNIFICATIVAS

- M. TULLI CICERONIS *De divinatione libri duo*. Edited by A.S. Pease. Urbana 1920 [= Darmstadt 1963].
- CICERONIS *Paradoxa Stoicorum*. Edidit R. Badali. Centro di Studi Ciceroniani. Roma 1968.
- M. TULLIUS CICERO. *De natura deorum, livre I*. Édition et traduction avec commentaire par M. van den Bruwaene. Collection Latomus. Bruxelles 1970.
- M.T. CICERONIS *De finibus bonorum et malorum libri quinque*. Ed. L.D. Reynolds. Oxford 1998.

- CICERO's Topica. Edited with an Introduction, Translation, and Commentary by T. Reinhardt. Oxford 2003.
- M. TULLIUS CICERO. De finibus bonorum et malorum. Ed. C. Moreschini. Bibliotheca Teubneriana. München Leipzig 2005.
- M. TULLI CICERONIS De re publica, De legibus, Cato Maior de senectute, Laelius de amicitia. Recensuit brevique adnotatione critica instruxit J. G. F. Powell, Oxonii 2006.
- WILLIAM OF MALMESBURY. Gesta regum Anglorum. The history of the English kings. V. II. General Introduction and Commentary by R.M. Thomson in collaboration with M. Winterbottom, Oxford 1999.

III. ESTUDOS

- AA.VV. A Catalogue of the Manuscripts preserved in the Library of the University of Cambridge. Cambridge 1856, v. I [*on line em Archive.org*].
- ANTOLÍN, G. Catálogo de los códices latinos de la Real Biblioteca del Escorial, Madrid 1910-1916.
- BADALÌ, R. Sui codici dei *Paradoxa* di Cicerone. Rivista di Cultura Classica e Medioevale. Roma, v. 10, p. 27-58, 1968.
- BANDINI, A.M. Catalogus codicum Latinorum Bibliothecae Mediceae Laurentianae, 4 voll., Florentiae 1774-1776.
- VON BÜREN, V. Auxerre, lieu de production de manuscrits? In: SHIMAHARA, S. (ed.), Études d'exégèse carolingienne, autour d'Haymon d'Auxerre. Atelier de recherches, Centre d'Études médiévales d'Auxerre. 25-26 avril 2005. Turnhout 2007, p. 167-86.
- DE ANDRÉS MARTÍNEZ, G. Inventario general de manuscritos de la Biblioteca Nacional. XII (7001 a 8499). Madrid 1988.
- DE LAMARE, A.C. Vespasiano da Bisticci as Producer of classical Manuscripts in Fifteenth-Century Florence. In: CHAVANNES-MAZEL, C.A.; SMITH, M.M. (edd.). Medieval Manuscripts of the Latin Classics: production and use. Proceedings of the Seminar in the history of the book to 1500 (Leiden 1993). Los Altos-London 1996, p. 166-207.
- DE ROBERTIS, T.; TANTURLI, G.; ZAMPONI, S. (edd.). Coluccio Salutati e l'invenzione dell'Umanesimo. Firenze, Biblioteca Medicea Laurenziana. 2 novembre 2008-30 gennaio 2009. Firenze 2008.
- GASPARRI, F. Introduction à l'histoire de l'écriture. Turnhout 1994.
- GENTILE, S. Traversari e Niccoli, Pico e Ficino: note in margine ad alcuni

- manoscritti dei Padri. In: CORTESI, M.; LEONARDI, C. (edd.). Tradizioni patristiche nell'Umanesimo. Atti del Convegno. Firenze, 6-8 febbraio 1997. Firenze 2000.
- HALM, C. Zur Handschriftenkunde der Ciceronischen Schriften. Programm Maximilians-Gymnasiums. München 1850.
- HUNT, T.J. A textual history of Cicero's "Academici libri". «Mnemosyne Supplementum» 181. Leiden 1998.
- JAMES, M.R. Two Ancient English Scholars, St. Aldhelm and William of Malmesbury. Glasgow 1931.
- KASTER, R.A. Making Sense of Suetonius in the Twelfth Century. In: GRAFTON, A.; MOST, G. (edd.) Canonical Texts and Scholarly Practices. A Global Comparative Approach. Cambridge 2016, p. 90-109.
- LÉVY, C. Cicero Academicus. Roma 1992.
- MAGNALDI, G. Il De finibus bonorum et malorum di Cicerone: due edizioni a confronto. Bollettino di Studi latini. Napoli, v. 37, p. 623-38, 2007.
- MALASPINA, E. Primae notulae ad *Luculli* Ciceroniani recentiores recensendos. In: BALBO, A.; BESSONE, F.; MALASPINA, E. (edd.). "Tanti affetti in tal momento". Studi in onore di G. Garbarino. Alessandria 2011, p. 547-54 [on line no site da SIAC em: http://www.tulliana.eu/documenti/Malaspina_78_Garbarino_2011.pdf].
- MALASPINA, E. In Anglia invenitur: come Guglielmo di Malmesbury leggeva e soprattutto correggeva Cicerone nel XII secolo. In: DE PAOLIS, P. (ed.). XXXIV Certamen Ciceronianum Arpinas, Dai papiri al XX secolo. L'eternità di Cicerone. Cassino 2015, p. 31-52.
- MALASPINA, E. *Recentior non deterior*: Escorial R.I.2. e una nuova *constitutio textus* del *Lucullus* di Cicerone. Paideia. Cesena, v. 78, p. 1969-85, 2018.
- MALASPINA, E.; BORGNA, A.; CASO, D.; LUCCIANO, M.; SENORE, C. I manoscritti del *Lucullus* di Cicerone in Vaticana: valore filologico e collocazione stemmatica. Miscellanea Bibliothecae Apostolicae Vaticanae, Città del Vaticano, v. 20, p. 589-620, 2014.
- MYNORS, R.A.B. A Fifteenth-Century Scribe: T. Werken. Transactions of the Cambridge Bibliographical Society. Cambridge, v. 1, 2, p. 97-104, 1950.
- NOVOKHATKO, A. Eine Liste der Handschriften der im Sallust und Cicerocorpus überlieferten Invektiven (Sallustii in Ciceronem et invicem Invectivae). Eikasmos. Bologna, v. 13, p. 273-86, 2002.
- OAKLEY, S. The 'Puccini' Scribe and the Transmission of Latin Texts in

- Fifteenth-century Florence. In: BLACK, R.; KRAYE, J.; NUVOLONI, L. (edd.). *Palaeography, Manuscript Illumination and Humanism in Renaissance Italy: Studies in Memory of A. C. de la Mare*. London 2016, p. 345-64.
- OUY, G. *Les manuscrits de l'abbaye de Saint-Victor. Catalogue établi sur la base du répertoire de Claude de Grandrue (1514)*. Turnhout 1999.
- PELLEGRIN, É. *Les manuscrits de Loup de Ferrières. À propos du ms. Orléans 162 (139) corrigé de sa main*. In: —. *Bibliothèques retrouvées: manuscrits, bibliothèques et bibliophiles du Moyen Âge et de la Renaissance. Recueil d'études publiées de 1938 à 1985*. Paris 1988, p. 131-57.
- REEVE, M.D. *Before and after Poggio. Some manuscripts of Cicero's speeches*. *Rivista di Filologia e di Istruzione Classica*. Torino, v. 112, p. 266-84, 1984.
- REEVE, M.D. *The Circulation of Classical Works on Rhetoric from the 12th to the 14th Century*. In: LEONARDI, C.; MENESTÒ, E. (edd.). *Retorica e poetica tra i secoli XII e XIV. Atti in onore e memoria di E. Franceschini, Trento e Rovereto. 3-5 ottobre 1985*. Firenze-Perugia 1988, p. 109-24.
- REEVE, M.D. *Review of MASLOWSKI, T. (ed.). M. Tullius Cicero. Orationes in P. Vatinius testem, Pro M. Caelio*. Stutgardiae-Lipsiae 1995. *Rivista di Filologia e di Istruzione Classica*. Torino, v. 155, p. 333-7, 1997.
- REEVE, M.D.; ROUSE, R.H. *Cicero. Speeches*. In: REYNOLDS, L.D. (ed.). *Texts and Transmission. A Survey of the Latin Classics*. Oxford 1983, p. 54-98.
- RICCIARDI, A. *L'epistolario di Lupo di Ferrières. Intellettuali, relazioni culturali e politica nell'età di Carlo il Calvo*, Spoleto 2005.
- RONCONI, A. *Il cursus medievale e il testo di Cicerone*. *Studi Italiani di Filologia Classica*. Firenze, v. 11, p. 97-120, 1934.
- ROUSE, R.H. *De natura deorum, De divinatione, Timaeus, De fato, Topica, Paradoxa Stoicorum, Academica priora, De legibus*. In: REYNOLDS, L.D. (ed.). *Texts and Transmission. A Survey of the Latin Classics*. Oxford 1983, p. 124-8.
- ROUSE, R.H.; ROUSE, M. *The "Florilegium Angelicum", its origin, content and influence*. In: ALEXANDER, J.J.G.; GIBSON, M.T. (edd.). *Medieval Learning and Literature. Essays R. W. Hunt*. Oxford 1976, p. 66-114.
- ROUSE, R.H.; ROUSE, M.A. *The Medieval Circulation of Cicero's Posterior*

- Academics* and *De Finibus Bonorum et Malorum*. In: PARKES, M.B.; WATSON, A.G. (edd.). *Medieval Scribes, Manuscripts, and Libraries: Essays presented to N.R. Kerr*. London 1978, p. 333-67.
- SCHMIDT, P.L. *Die Überlieferung von Ciceros Schrift "de legibus" in Mittelalter und Renaissance*. München 1974.
- SENORE, C. Il ruolo di El Escorial, V.III.6 e dei suoi discendenti nella tradizione manoscritta del *Lucullus*. *Ciceroniana on line*. Torino-Roma-Paris, v. 1, 1, p. 157-91, 2017 [on line em <http://www.ojs.unito.it/index.php/COL/article/view/2194>].
- THOMSON, R.M. *William of Malmesbury*. Woodbridge 1987¹ 2003².
- THOMSON, R. M.; DOLMANS, E.; WINKLER E. A. (edd.), *Discovering William of Malmesbury*. Woodbridge 2017.
- VERNET, A. (éd.). *Histoire des bibliothèques françaises*. Paris 1989.
- ZELZER, M.; ZELZER, K. *Zur Frage der Überlieferung des Leidener Corpus philosophischer Schriften des Cicero, mit einer kritischen Bewertung karolingischer Textemendation*. *Wiener Studien*. Wien, v. 114, p. 183-214, 2001.

Tradução de
Izabella Lombardi Garbellini
Universidade de São Paulo